



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

LUIS HENRIQUE RODRIGUES DE OLIVEIRA

**PREPARAÇÃO PARA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS DE  
ESPETÁCULOS TEATRAIS:** Análise bibliográfica de experiências de colaboração  
entre tradutores surdos e não surdos no teatro

Porto Alegre  
2023

**LUÍS HENRIQUE RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**PREPARAÇÃO PARA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS DE  
ESPETÁCULOS TEATRAIS: Análise bibliográfica de experiências de colaboração  
entre tradutores surdos e não surdos no teatro**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras com habilitação em Tradução e Interpretação Libras/Português.

**Orientador: Prof. Dr. Cláudio Henrique Nunes Mourão**

Porto Alegre

2023

LUIS HENRIQUE RODRIGUES DE OLIVEIRA

**PREPARAÇÃO PARA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS DE  
ESPETÁCULOS TEATRAIS:** Análise bibliográfica de experiências de colaboração  
entre tradutores surdos e não surdos no teatro

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título  
de bacharel em Letras com ênfase em Tradução  
e Interpretação de Português/Libras pela  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Henrique Nunes  
Mourão

Aprovado em \_\_/\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Cláudio Henrique Nunes Mourão  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carolina Hessel Silveira  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Juliana de Oliveira Pokorski  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço e dedico este trabalho de conclusão de curso aos meus pais, **Mara Rodrigues e Edson Oliveira**, pois eles me apoiaram não apenas durante todo o meu percurso acadêmico até a formação, como também lutaram muito para que eu tivesse uma educação de qualidade durante minha vida inteira. Sem eles eu não teria entrado na universidade pública e nem estaria aqui;

Agradeço também à **Cláudia**, minha irmã, que apesar de chata, sempre me apoiou academicamente e profissionalmente — e foi a primeira pessoa para quem contei e comemorei sobre meu nome estar no listão;

Agradeço ao **Louri**, meu namorado, pela paciência comigo durante esses meses de escrita, por ter me acalmado, visto séries e comido bobagens comigo quando estávamos exaustos para estudar e me incentivado a todo instante a continuar pesquisando;

Agradeço às colegas TILSP **Helena, Paula, Marluce, Gaby, Alê, Bruna e Mariane** por terem me ajudado tanto durante minha trajetória profissional, com ensinamentos e trocas de conhecimentos;

Agradeço à **Clara e Kelly**, amigas de anos que também tiveram que me aguentar em momentos insuportáveis;

Agradeço à galera da Feneis RS, principalmente ao diretor **Diego e à Paolla**, por auxiliarem todos os dias em meu desenvolvimento durante meu trabalho na Central de Interpretação de Libras de Porto Alegre - CIL, inaugurada em maio deste ano. A central é um marco histórico para a luta da comunidade surda e intérpretes da capital, e é um desafio prazeroso e instigador fazer parte deste movimento;

Agradeço aos meus professores e orientador, **Maria Cristina e Cláudio Mourão (Cacau)**, por todo o ensino e aprendizagem durante o curso e durante esta última etapa;

Por fim, agradeço à toda a comunidade surda e povo surdo, pela acolhida que recebo desde que entrei na graduação, e à própria UFRGS, pelo ensino público, gratuito e de qualidade.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso alia-se com a subárea dos Estudos de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS) no contexto artístico-cultural. O objetivo principal do estudo é investigar de quais modos os profissionais Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais/Português (TILSP) e consultores de Libras surdos que atuam em equipe com tradutores não surdos em espetáculos teatrais colaboram, a partir de seu repertório linguístico e vivência na comunidade surda diferente de pessoas ouvintes, durante os procedimentos preparatórios específicos executados pelos TILSP para interpretação na atividade cênica. Os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos para alcançar o objetivo principal: (i) identificar os procedimentos de preparação específicos realizados por equipes multilíngues previamente para atividades em espetáculos teatrais; (ii) identificar experiências entre profissionais surdos e ouvintes no contexto de tradução teatral; (iii) analisar, a partir dessas identificações, sobre de que modo TILSP e consultores surdos contribuem durante a fase preparatória e influenciam sobre a qualidade técnica tradutória intrínseca a essa atividade no contexto teatral. O estudo é fundamentado nos seguintes aportes teóricos: preparação e trabalho em equipe; tradução e interpretação no teatro; pauta, também, uma reflexão sobre arcabouços legislativos que contemplam a atuação do TILSP e a acessibilidade ao surdo, usuário de Libras, em locais de espetáculo teatral. A pesquisa adota uma abordagem sistemática, a partir de uma análise bibliográfica. A leitura minuciosa da bibliografia coletada possibilitou concluirmos que a presença desses profissionais surdos enriquece significativamente o processo, uma vez que eles possuem uma compreensão intrínseca da cultura surda e da Libras como primeira língua. Os procedimentos metodológicos preparatórios para a atividade cênica são complexos e necessários para que a tradução tenha sucesso estético. A participação dos profissionais surdos não só durante a preparação, mas em todo o projeto de tradução teatral, garante que a peça passe por uma tradução cultural que atinja positivamente os espectadores surdos.

**Palavras-chave:** Estudos de Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais; Teatro; Preparação do tradutor e intérprete; Tradutor e intérprete surdo; Libras; Consultor surdo de Libras; Políticas de acessibilidade cultural.

## ABSTRACT

This undergraduate thesis aligns itself with the subfield of Sign Language Translation and Interpretation Studies within the artistic-cultural context. The main objective of the study is to investigate in what ways professionals, namely Sign Language/Portuguese Translators and Interpreters and deaf Libras consultants who work collaboratively with non-deaf translators in theatrical performances contribute, drawing from their cultural and linguistic repertoire and experience within the deaf community, distinct from that of hearing individuals, to the enhancement of specific preparatory procedures executed by Translators and Interpreters for interpretation in the theatrical activity. The following specific objectives were established to achieve the main goal: (i) identify specific preparatory procedures carried out by multilingual teams prior to theatrical activities; (ii) identify, through literature, experiences involving deaf and hearing professionals in the context of theatrical translation; (iii) analyze, based on these identifications, how deaf Interpreters and consultants contribute during the preparatory phase and influence the intrinsic technical quality of translation inherent to this theatrical context. The study is grounded in the following theoretical frameworks: preparation and teamwork; translation and interpretation in theater and teamwork between deaf and hearing Translators and Interpreters; it also reflects upon legislative frameworks that encompass the role of deaf Translators and Interpreters and accessibility for deaf individuals, users of Libras, in theatrical venues. The research employs a systematic approach through bibliographic analysis. A thorough examination of the collected bibliography led us to conclude that the presence of these deaf professionals significantly enriches the process, given their inherent understanding of deaf culture and Libras as their first language. The preparatory methodological procedures for theatrical activities are complex and essential for successful translation. The involvement of deaf professionals ensures that the play undergoes a cultural translation that resonates positively with deaf viewers.

**Keywords:** Sign Language Translation and Interpretation Studies; Theater; Translator and Interpreter Preparation; Deaf Translator and Interpreter; Libras; Deaf Libras Consultant; Cultural Accessibility Policies.

## **RESUMO EM LIBRAS**

Disponível em:

<https://youtu.be/40XSD7f6FYs>

## LISTA DE FIGURAS E IMAGENS

<b>Figura 1</b> - O intérprete em atividades culturais cênicas .....	<b>33</b>
<b>Imagem 2</b> - Intérpretes em atividade cênica .....	<b>34</b>
<b>Imagem 3</b> - Ator-intérprete surdo em cena .....	<b>35</b>
<b>Imagem 4</b> - intérpretes de Libras no espetáculo Ciranda Brasileira .....	<b>36</b>
<b>Imagem 5</b> - Espetáculo bilíngue surdo Alice no país das Maravilhas .....	<b>37</b>



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Arcabouços legislativos .....	<b>19</b>
<b>Tabela 2</b> - Referência de honorários proposto pela Febrapils para preparação .....	<b>28</b>
<b>Tabela 3</b> - Lista de referência de honorários para interpretação .....	<b>29</b>
<b>Tabela 4</b> - Artigos selecionados para a análise de dados .....	<b>42</b>
<b>Tabela 5</b> - Procedimentos de preparação para tradução/interpretação no teatro .....	<b>43</b>
<b>Tabela 6</b> - Recorte da lista de artigos selecionados .....	<b>46</b>

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**ETILS** Estudos de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais

**Febrapils** Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais

**FENEIS** Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

**LBI** Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência

**Libras** Língua Brasileira de Sinais

**LP** Língua Portuguesa

**LS** Língua de Sinais

**TILS** Tradutor e Intérprete de língua de sinais

**TILSP** Tradutor e Intérprete de Libras/Português

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>13</b>
2.1 POLÍTICAS DE ACESSIBILIDADE CULTURAL NO BRASIL .....	13
2.1.1 A comunidade surda, língua de sinais e cultura .....	15
2.1.2 Legislação.....	18
<b>2.2 O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS .....</b>	<b>23</b>
2.2.1 Procedimentos de preparação e trabalho em equipe.....	27
<b>2.3 TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS NO TEATRO: PANORAMA GERAL .....</b>	<b>32</b>
<b>3 METODOLOGIA DE PESQUISA .....</b>	<b>39</b>
<b>4 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>41</b>
4.1 Mapeamento bibliográfico.....	42
4.2 Procedimentos de preparação específicos para o contexto teatral.....	43
<b>4.3 Atuação do tradutor/intérprete surdo em equipe com tradutor/intérprete não surdo em espetáculos .....</b>	<b>46</b>
4.3.1 O consultor de Libras surdo: perfil e atuação.....	51
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>61</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso pretende contribuir para os Estudos de Tradução e Interpretação, sobretudo à subárea dos Estudos de Tradução e Interpretação de Libras (ETILS) em contextos artístico-culturais. O estudo tem como principal objetivo identificar os procedimentos de preparação específicos executados para trabalhos em equipes multilíngues em contextos de espetáculos teatrais, pelos profissionais Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais/Português (TILSP) surdos e ouvintes, com apoio de consultores surdos; busca refletir, em conjunto, sobre a influência e contribuição dos profissionais surdos durante a fase preparatória para melhoria da tradução e interpretação.

A arte teatral é uma forma rica de expressão cultural, capaz de transmitir emoções, ideias e narrativas de maneira crítica e socializadora. No entanto, para a comunidade surda, a experiência teatral nem sempre foi acessível devido a barreiras comunicacionais. Com o recente reconhecimento legal da profissão do TILSP no país (BRASIL, 2010), suas áreas de atuação vêm gradualmente expandindo-se no Brasil, inclusive em contextos artísticos, tornando possível a acessibilidade ao surdo em ambientes de espetáculos dramaturgicos.

O direito de acesso de pessoas surdas a espaços culturais é garantido por diversos documentos legislativos nacionais, dentre eles a Constituição Federal de 1988; o Decreto nº 5.296/2004; a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), entre outros. No entanto, dentro desses marcos legais, encontram-se poucas informações específicas sobre a formação e capacitação dos TILSP em espetáculos teatrais. Ademais, são poucas as pesquisas encontradas que realizam um recorte sobre como ocorre o procedimento relacionado à preparação de profissionais tradutores, intérpretes ou consultores de Libras, surdos e ouvintes, que experienciaram a prática de tradução teatral enquanto equipe e a participação ativa do TILSP/consultor surdo neste contexto.

Com base nisso, estabeleceu-se o seguinte questionamento norteador da pesquisa: como TILSP surdo e consultores de Libras surdos se inserem no trabalho de tradução/interpretação de teatro e como contribuem durante esta fase, a partir de seu repertório cultural, tendo a língua de sinais como primeira língua e vivência na comunidade surda diferente de pessoas ouvintes, para a melhoria da qualidade de tradução e interpretação em trabalhos em equipe com TILSP não surdo?

Como parte do problema desta pesquisa, temos a escassez de publicações que discutam a participação de tradutores e consultores surdos em projetos de tradução e que discorram sobre o benefício da contribuição destes profissionais para validações de decisões tradutórias (ALVES, 2019), sobretudo no que se refere a áreas de atuação não convencionais aos intérpretes, como em peças dramáticas. Desse modo, este estudo investiga o surdo da perspectiva de quem igualmente e ativamente envolve-se e contribui nesta mediação.

O notável crescimento do trabalho do tradutor surdo no Brasil (QUADROS, 2014), assim como a presença do TILSP em espetáculos teatrais, é resultado das reivindicações da comunidade surda pelos seus direitos fundamentais em várias áreas sociais, como educação, saúde, justiça, turismo, lazer, entre outras, como a cultural. O reconhecimento do status linguístico Libras, assegurado pela Lei nº 10.436/02 deu início, de fato, ao efetivo avanço na promoção da acessibilidade para os indivíduos surdos em sua língua (BRASIL, 2002).

Com base nisso, a partir da minha perspectiva enquanto estudante do bacharelado em Letras - Libras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), assim como profissional atuante nesta área, cujos colegas incluem tradutores, intérpretes e consultores surdos, manifesto a importância da reflexão sobre as experiências desses profissionais no âmbito das pesquisas. Tal consideração torna-se essencial em virtude da escassa visibilidade atribuída à significativa contribuição que eles conferem em trabalhos em equipe. Em sala de aula e durante trabalhos, professores e colegas surdos sempre me apresentaram sugestões e ensinamentos valiosos a partir de suas experiências culturais e linguísticas que eu sei que, enquanto ouvinte, não pensaria sozinho sem esta base.

Além disso, como aluno de cursos técnicos de teatro e apreciador da arte, percebo a necessidade de maiores discussões sobre a fase preparatória do TILSP em demandas que pautam a linguagem teatral e de como o profissional surdo se insere neste trabalho de contexto artístico para garantir a aproximação cultural nestas traduções.

A preparação é a fase de estudos e busca de informações que precede uma atividade interpretativa. A execução deste momento é imprescindível para que o profissional concentre conhecimentos linguísticos, técnicos e referentes ao assunto que será abordado. Independente do contexto em que será executada a prática tradutória, este procedimento exerce influência sobre a qualidade do trabalho (NOGUEIRA, 2016). No que se refere a preparação para atuação na esfera teatral, a fase de estudos baseia-se nas

particularidades do gênero literário dramático, considerando, portanto, a análise criteriosa de elementos como a leitura minuciosa do roteiro, a identificação dos personagens, uso de figurinos, a delimitação do número de atores em cena e as dinâmicas das interações no palco, entre outras características que podem ser relevantes para a adaptação.

A partir destas relações, esta pesquisa se debruça sobre este procedimento e tem como objetivos específicos: (i) identificar os procedimentos de preparação específicos realizados por equipes multilíngues previamente para atividades em espetáculos teatrais; (ii) identificar, na literatura, experiências entre profissionais surdos e ouvintes em atividades cênicas de tradução; (iii) analisar, a partir dessas identificações, sobre de que modo TILSP e consultores surdos contribuem durante a fase preparatória e influenciam sobre a qualidade técnica tradutória intrínseca a essa atividade no contexto teatral.

Para alcançar os objetivos apresentados, o estudo baseou-se em uma revisão bibliográfica de modo a selecionar publicações que apresentem discussões sobre as experiências de preparação para o trabalho em equipe entre estes profissionais. O critério minucioso de seleção considerou o período de publicação e temática subjacente às referências. Na seção de metodologia, serão apresentadas as informações de forma aprofundada.

A estrutura deste trabalho de conclusão de curso é dividida em cinco (5) capítulos. A introdução, no caso este, sendo o primeiro. Em seguida, o capítulo 2 de fundamentação teórica, que apresenta conceitos como preparação, tradução e interpretação no teatro e trabalho em equipe entre TILSP surdo e ouvinte. É abordado, em conjunto, o arcabouço legislativo referente às políticas de acessibilidade cultural no Brasil e a garantia do direito da pessoa surda a acessibilidade em espetáculos teatrais. No capítulo 3, na metodologia de pesquisa, são descritos os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos utilizados para a análise. No capítulo 4, são apresentados os resultados e discussões levantadas. Por fim, a conclusão discorre sobre as principais considerações referentes à temática abordada.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo de fundamentação teórica, delinheiro uma explanação dos conceitos cruciais que constituem a base compreensiva para a apreensão do papel dos TILSP no contexto teatral. Para isso, primeiramente, discorro sobre as disposições legislativas brasileiras que garantem o acesso à ambientes culturais ao surdo, a partir de uma categorização destes arcabouços realizada para esta pesquisa. Posteriormente, apresentam-se conceitos como a comunidade surda e o direito à cultura, relacionados à língua, literatura e identidades. Em seguida, é apresentado o ofício de tradutor e intérprete de Libras; e, por fim, é discutido o conceito de preparação e trabalho em equipe, pautado principalmente na perspectiva da atividade cênica.

### 2.1 POLÍTICAS DE ACESSIBILIDADE CULTURAL NO BRASIL

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, considerada a lei suprema e fundamental do país, estabelece a garantia do exercício do direito à cultura nacional a todos os cidadãos, com a responsabilidade atribuída ao Estado de promover a valorização e a difusão das diversas manifestações culturais. A segunda seção da Constituição, mais precisamente o Artigo 215, respalda a necessidade de democratização do acesso a esses bens culturais (BRASIL, 1988). A relevância dessa seção no documento está intrinsecamente ligada à ausência, antes da década de 80, de políticas nacionais abrangentes que abordassem de maneira ampla e constituinte o direito à cultura. Conforme enfatizado por Aragão e Rocha (2011, p. 3).

No Brasil, somente a partir da Constituição Federal de 1988, fruto da redemocratização do país, os direitos culturais foram explicitamente reconhecidos. Até então, as constituições (1824, 1891, 1934, 1937, 1946 e 1967) não tratavam de direitos culturais e o tema cultura aparecia de forma tímida, juntamente à educação. (ARAGÃO, ROCHA, 2011, p. 3)

O texto constitucional foi elaborado consequente do processo de democratização do país, após o período da Ditadura Militar (1964-1985). Tem como base conquistas do povo brasileiro que lutava em prol de políticas públicas centradas na igualdade e liberdade civil. O regime, marcado historicamente pela repressão e censura, inclusive sob as

manifestações culturais populares, não impediu que as produções artísticas nacionais denunciasses a violência e se propagassem por todo o território.

Resultante da Constituição Federal de 1988, outros documentos legislativos que elencam o direito à cultura e ao lazer foram instituídos. Contemplando, inclusive, as pessoas com deficiência, e no caso deste estudo, o surdo, falante de Libras. Ademais, apresentam informações referentes a espaços de eventos teatrais. As políticas de acessibilidade cultural são medidas adotadas para garantir que todas as pessoas, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sensoriais ou sociais, tenham igualdade de oportunidades de acesso e participação na vida cultural de uma sociedade. Isso inclui o acesso a patrimônios, espetáculos, exposições, bibliotecas, museus, teatros etc., devidamente adaptados.

O acesso a bens, manifestações e espaços culturais nacionais oportunizam a ampliação de repertório social e político de um indivíduo enquanto cidadão. Esse contato possibilita o enriquecimento de sua visão crítica e contemplativa sobre a história do Brasil e o expõe a conhecimentos sobre os diferentes povos do país e seus costumes, modos de criar arte, línguas e crenças. Em conjunto, o teatro, arte objeto deste estudo, enquanto manifestação cultural e artística, tem papel educativo e conscientizador para a sociedade. Tal como, compartilha das características descritas acima, sendo uma atividade propagada por trocas linguísticas, religiosas, políticas e outras ciências. Além do sentido pedagógico, o teatro, enquanto manifestação artística, também promove lazer e entretenimento aos espectadores.

Contudo, apesar dos avanços, ainda existem desafios significativos a serem enfrentados para tornar a cultura verdadeiramente acessível a todos no Brasil. Algumas questões importantes incluem a falta de recursos para implementação de adaptações e a necessidade de garantir que as políticas de inclusão sejam de fato implementadas e fiscalizadas.

Nas próximas seções elencadas a este capítulo, serão apresentadas, de forma sucinta, (1) percepções dos Estudos Surdos, ilustradas com base em estudos de pesquisadores pertencentes à comunidade surda, acerca das diversas identidades culturais desses indivíduos; (2) uma discussão aprofundada acerca dos documentos legislativos que contemplam, especificamente, a promoção de acessibilidade às pessoas surdas que utilizam a Libras como principal meio de comunicação, bem como seus direitos de acesso, circulação e comunicação em locais onde ocorrem eventos culturais.



### 2.1.1 A comunidade surda, língua de sinais e cultura

Nesta seção, propõe-se uma breve reflexão sobre o direito à cultura conquistado pelos indivíduos surdos, destacando a importância de basear-se em referências surdas e publicações de membros da comunidade surda (PERLIN, 2010; SEGALA, 2010; CAMPELLO; REZENDE, 2014; MOURÃO, 2016) para fundamentar esta elucidação sobre a história de luta e resistência política desse grupo, principalmente no que tange suas reivindicações sobre seus direitos de acesso à cultura no Brasil. A utilização de referências surdas é imprescindível para reconhecermos a importância de evidenciar os próprios sujeitos que vivenciam as lutas diárias em busca de seus direitos sociais.

A partir disso, sobre as relações entre o “ser surdo”, “cultura” e “língua de sinais”, Perlin e Miranda (2003, p. 218) desenvolvem que

[...] ser surdo é uma questão de vida. **Não se trata de uma deficiência**, mas de uma experiência visual [...] (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. **A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura** (PERLIN, G; MIRANDA, W, 2003, p. 218).

Por esta ótica, este estudo se afasta do estigma clínico, elencado sobre o indivíduo surdo, de deficiência, sem língua e de “anormalidade”. Historicamente, com base em Perlin (2010), a luta da comunidade surda é marcada pelo enfrentamento da marginalização imposta pela hegemonia ouvintista. Os surdos, no Brasil, durante um extenso período foram submetidos a políticas opressivas as quais culminaram na proibição absoluta do uso de qualquer língua de sinais como forma de comunicação (CAMPELLO; REZENDE, 2014). Tal determinação imposta resultou na restrição da expressão linguística dos surdos unicamente à oralidade da língua portuguesa e, inerentemente, acarretou na privação do seu direito de acesso à informação na língua sinalizada.

O principal fator que contribuiu para essa imposição foi a realização do Congresso de Milão de 1880, evento que influenciou os educadores de surdos a votarem a favor de um modelo de ensino baseado na oralização e banuiu os professores surdos do processo educacional (CAMPELLO; REZENDE, 2014). Nesse Congresso, foi decretada uma

suposta superioridade da língua oral sobre a língua de sinais, efetivando uma concepção oralista na educação de surdos em boa parte do mundo (SILVA, V. 2006).

Os sujeitos surdos, contudo, continuaram a utilizar sua língua natural sinalizada, fazendo com que a Libras sobrevivesse (SEGALA, 2010). Originada de anos de reivindicações em prol de políticas linguísticas, foi sancionada a Lei nº 10.436, de 2002, que reconhece o status linguístico da Libras. Esta determinação, respaldada pelo Decreto nº 5626, de 2005 é um progresso fundamental à comunidade surda. Por meio desta legislação, foi potencializado o direito do surdo à integração social, à educação, à saúde e à legitimação profissional do TILS (BRASIL, 2002; 2005).

Da perspectiva cultural e de acesso, o status de língua à Libras agregou valor às produções sinalizadas provenientes da cultura surda. Mais importante, ampliou os mecanismos legais de acessibilidade da comunidade para disporem de transitabilidade cultural, espaços e conhecimentos por meio da língua de sinais no Brasil.

Todavia, é importante ressaltar a problemática de que, apesar dos avanços proporcionados pela legislação vigente ao reconhecer a língua brasileira de sinais, a Libras ainda não é considerada como uma língua oficial do Brasil. A Constituição Federal de 1988, em seu art. 13º, estipula o português, de forma única, como o idioma oficial da República Federativa do país (BRASIL, 1988). Tendo este fato em vista, é fundamental questionar a falta de igualdade na proteção e promoção dos direitos linguísticos das comunidades surdas. Ademais, o Brasil é um país multilíngue e multicultural, abrigando diversas línguas orais indígenas, línguas de imigração e até mesmo outras línguas de sinais (LS) de distintas comunidades surdas. Como exemplifica Rigo (2020):

[...] No país existem também diferentes línguas de sinais indígenas (como Urubu Kaapor, Sateré-Waré, Caingangue, Terena, Guarani e Pataxó). Além dessas, LSs locais que são línguas usadas em pequenas comunidades com alta incidência de pessoas surdas, como a comunidade local de Jaicós no Piauí, onde se usa a Cena e a comunidade de Cruzeiro do Sul no Acre, onde se usa a Acenos. (RIGO, 2020, p. 56-57).

A cultura surda é percebida como fundamentada, principalmente, pelo uso da língua de sinais e a experiência visual dessa comunicação (STROBEL, 2008; SEGALA, 2010; MOURÃO, 2016). Os surdos produzem e difundem artefatos culturais baseados em suas próprias identidades, ou seja, seus costumes, a língua natural sinalizada, o modo de perceber o mundo visualmente. Seja por meio de criações literárias, adaptações e

traduções de autoria surda, registradas em narrativas, poesias, contos, teatro, etc. (MOURÃO, 2016).

A literatura surda traz marcas culturais dos surdos e utiliza também da literatura de línguas orais traduzida ou adaptada para a cultura surda. Exemplo disso, temos a obra de 2003 intitulada como Cinderela Surda. O livro infantil, escrito pela autora surda Carolina Hessel, juntamente com Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa, contempla uma versão recontada do clássico Cinderela, contextualizado agora na cultura dos surdos. A adaptação descreve uma protagonista surda, e ilustra características de suas vivências culturais, além de ter uma proposta de redação bilingue, sendo disponibilizado em escrita de sinais (Sign Writing)<sup>1</sup> e no português escrito para leitura. Com o mesmo objetivo de recontar histórias infantis e aproximá-las da cultura surda, outras obras foram feitas após esta publicação, como a Rapunzel Surda (2010). No teatro, o livro Alice no País das Maravilhas, do autor inglês Lewis Carroll, foi adaptado em formato de espetáculos bilíngues pelo grupo SignAtores, apresentados por surdos para o público surdo. O grupo, formado em 2010 na cidade de Porto Alegre, também encenou em Libras, com referências à obra inglesa, Romeu e Julieta, de William Shakespeare.

Podemos conferir que estas adaptações revelam o interesse de surdos em produções originadas de línguas orais e em partilhá-las em sua própria língua, adaptando-as de acordo com suas experiências. Isso se conecta com a perspectiva multicultural sobre a comunidade surda adotada neste estudo. Como explicam Quadros e Sutton-Spence (2006):

A identidade e a cultura das pessoas surdas são complexas, já que seus membros frequentemente vivem num ambiente bilíngue e multicultural. Por um lado, as pessoas surdas fazem parte de um grupo visual, de uma comunidade surda que pode se estender além da esfera nacional, no nível mundial. É uma comunidade que atravessa fronteiras. Por outro lado, **eles fazem parte de uma sociedade nacional**, com uma língua de sinais própria e **com culturas partilhadas com pessoas ouvintes de seu país**. (QUADROS, SUTTON-SPENCE, 2006, p. 109, grifo nosso).

Neste estudo, portanto, o olhar sobre as identidades surdas é compreendido, a partir do viés das autoras, como complexas, diversas, compartilhadas com inúmeras culturas e línguas, e possuem como baliza a experiência visual e a língua sinalizada. Os surdos

---

<sup>1</sup>A escrita de sinais, ou Sign Writing, é um sistema de escrita criado por Valerie Sutton (1974), que objetiva representar graficamente os aspectos linguísticos das línguas de sinais.

vivem a língua de sinais, tendo esta como a primeira língua e principal forma de comunicação. É importante reconhecer a diversidade dentro da comunidade surda, afastando-se de estereótipos, pois existem diferentes formas de comunicação, e diferentes perspectivas culturais e sociais entre estes sujeitos.

A partir destas relações, como o compartilhamento de experiências culturais com outros povos do país (QUADROS; SUTTON-SPENCE, 2006), com o amparo da literatura e publicações acadêmicas que difundem e mantêm viva a Libras, e da Lei nº 10.436/02, conhecida como Lei de Libras, o movimento reivindicou de outras políticas públicas de modo a ampliar recursos de acesso à espaços sociais. No capítulo a seguir, serão apresentadas e analisadas outras destas legislações que promovem este acesso linguístico à comunidade surda nacionalmente em locais de espetáculos culturais.

### **2.1.2 Legislação**

No Brasil, a acessibilidade à cultura para pessoas surdas é contemplada por leis e políticas que buscam promover a inclusão e o acesso aos direitos culturais de todos os cidadãos, independentemente de suas habilidades físicas ou sensoriais. Contudo, ainda há certa incerteza nas informações apresentadas nesses documentos quanto à promoção deste acesso no que se refere à formação e atuação do tradutor e intérprete de Libras em atividades de teatro. A falta de informações específicas na legislação pode tornar mais desafiador o desenvolvimento de políticas e ações, como cursos de formação continuada, voltadas para a presença e preparação do intérprete de Libras no contexto cultural.

A fim de mapear maiores informações presentes na legislação brasileira no que tange recursos de acessibilidade e a presença do TILSP no teatro para garantia de direito ao surdos, foi realizada uma categorização da legislação vigente para que uma análise do texto legislativo fosse possível. A tabela abaixo apresenta arcabouços legislativos vigentes (leis, decretos, documentos e portarias) em âmbito nacional que contemplam, especificamente, a promoção de acessibilidade às pessoas surdas a bens artísticos-culturais, como teatros e locais de espetáculos, que são o foco deste estudo.

**Tabela 1 - Arcabouços legislativos publicados no âmbito nacional que contemplam a acessibilidade (cultural) para pessoas surdas<sup>2</sup>**

ANO	ARCABOUÇO LEGISLATIVO
1988	Constituição da República Federativa do Brasil de 1988
1991	Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991 (conhecida como Lei Rouanet). Restabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac)
2000	Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida
2002	Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (conhecida como Lei de Libras). Reconhece a Libras como meio de comunicação e expressão oriundos das comunidades surdas
2004	Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000
2005	Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei de Libras.
2010	Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010. Reconhece a profissão de tradutor e intérprete de Libras.
2010	Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010. Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC e cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC.
2011	Decreto nº 7.612, de 17 de dezembro de 2011. Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (PNDPD) - Plano Viver sem Limite.
2015	Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (LBI - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência). Visa assegurar e promover, em condições de igualdade, a inclusão social e cidadania da pessoa com deficiência.
2023	Instrução Normativa a partir do Decreto de Fomento Cultural 11.453/2023.

Tabela elaborada pelo autor (2023).

A Lei de Libras, de 2002, assim como a Lei do Intérprete de Libras, de 2010, são percebidas como as maiores conquistas em termos de acessibilidade para este grupo. É necessário, porém, conhecermos outros documentos que garantam direitos aos surdos para delimitarmos sua importância e possíveis problemas. A fim de reconhecer o exercício da profissão em território brasileiro, foi sancionada a Lei nº 12.319, de 2010, conhecida como a Lei do Intérprete de Libras. Anteriormente a este marco, o Decreto

<sup>2</sup> Para leitura na íntegra dos arcabouços, acessar os links disponibilizados nas referências deste estudo.

5.626, de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, discorre sobre a formação do profissional, e sobre o tradutor e intérprete surdo, em seu capítulo V.

A Lei Rouanet, instrumento legislativo criado para cumprir os deveres do Estado dispostos no texto constitucional de 88, é instituída para contribuir com o “livre acesso a todos às fontes da cultura” e facilitar o “pleno exercício dos direitos culturais”. Esta lei é de suma importância para realização de produtos e projetos culturais nacionais, sobretudo no que se refere à incentivos financeiros. Em 2015, a LBI alterou este documento, que passou a dispor que os incentivos seriam somente disponibilizados para projetos disponibilizados à pessoa com deficiência, sempre que tecnicamente possível (BRASIL, 1991; 2015).

Em 2023, assinada para revogar regras criadas para desacreditar os incentivos fiscais à cultura durante o governo de Bolsonaro, a Instrução Normativa a partir do Decreto de Fomento Cultural 11.453/2023, regulamentando a Lei Rouanet de 91, em seu Art. 50, parágrafo único, estabeleceu

III - mecanismos de estímulo à participação e ao protagonismo de agentes culturais e equipes compostas de forma representativa por mulheres, pessoas negras, pessoas oriundas de povos indígenas, comunidades tradicionais, inclusive de terreiro e quilombolas, populações nômades e povos ciganos, pessoas do segmento LGBTQIA+, pessoas com deficiência e outros grupos minorizados.

A importância da Instrução Normativa se dá pelo incentivo de pessoas com deficiência como agentes protagonistas destes espaços de manifestações culturais, não apenas como espectadores. A Lei nº 10.098, de 2000, conhecida como a principal Lei de Acessibilidade no Brasil, promove entre seus critérios, em seu capítulo VII, facilitadores para o acesso à informação a pessoas com deficiência auditiva, que inclui o profissional intérprete. Ainda sobre o que é disposto no Capítulo VII:

**Art. 17.** O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas *portadoras de deficiência sensorial* e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à **cultura**, ao esporte e ao lazer. **Art. 18.** O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, *linguagem de sinais* e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à *pessoa portadora de deficiência sensorial* e com dificuldade de comunicação. **Art. 19.** Os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens adotarão plano de medidas técnicas com o objetivo de permitir o uso *da linguagem de sinais* ou outra subtítuloção, para garantir o direito de acesso à informação às pessoas

portadoras de deficiência auditiva, na forma e no prazo previstos em regulamento (BRASIL, 2000, grifos nossos<sup>3</sup>).

A legislação indica a promoção de mecanismos para garantir o acesso aos itens citados, que incluem cultura e lazer, porém não aponta ou especifica sobre a formação necessária para atuação do profissional intérprete de língua de sinais nestes cenários. Sem esta informação detalhada, o trabalho do TILSP pode não ser efetivo uma vez que o profissional pode não ter a capacitação necessária. O mesmo documento menciona os locais de espetáculos em seu capítulo IV, Art. 12, agora pautando a arquitetura em edifícios públicos ou de uso coletivo. O artigo prevê “[..] lugares específicos para pessoas com deficiência auditiva [..]” nestes espaços (BRASIL, 2000).

A disponibilização de assentos próximos ao intérprete de Libras no palco é uma medida que visa facilitar a visualização e compreensão das informações transmitidas pela sinalização. A língua brasileira de sinais é uma língua articulada por meio das mãos, expressões faciais e do corpo, de modalidade visual-espacial, sendo estas características parte de sua gramática (QUADROS, 2004). Ao ocupar assentos reservados próximos ao intérprete, os espectadores surdos têm maior visibilidade das expressões faciais e sinais realizados, o que potencializa a compreensão do conteúdo apresentado. Com o mesmo viés, a LBI, instituída pela Lei nº 13.146 de 2015, reitera a existência de assentos reservados em “[...] teatros, cinemas, auditórios, estádios, ginásios de esporte, locais de espetáculos e de conferências e similares [...]”, em espaços visíveis e não segregados do público (BRASIL, 2015).

Não obstante, salientamos a importância deste documento ressaltar que os assentos não estejam afastados do público geral. Em espaços de espetáculo teatral ou qualquer local, a inclusão efetiva do surdo não acontece com este tendo apenas contato com o intérprete. Entretanto, a LBI não prevê a presença física dos TILS em espaços de cultura e lazer. A lei também não discorre sobre a formação dos profissionais nestes campos. Sobre espaços físicos, em conformidade, o Decreto nº 9404, de 2018, dispõe e complementa que estes assentos reservados deverão ser instalados e sinalizados de acordo

---

<sup>3</sup> Os termos destacados “portadores de deficiência sensorial” e “linguagem de sinais” não são mais adequados e devem ser evitados atualmente. Desde 2006, a Convenção sobre os Direitos Humanos das Pessoas com Deficiência utiliza o termo “pessoa com deficiência” ou a sigla PCD (ONU, 2006). Além disso, Libras é uma língua de sinais, com estrutura e gramática própria, não linguagem.

com as normas técnicas de acessibilidade da ABNT, além de mencionar o recurso de legenda<sup>4</sup>. Em seu inciso 6, é decretado que:

6º Para obtenção do financiamento de que trata o inciso III do caput do art. 2º, as salas de espetáculo deverão dispor de *meios eletrônicos que permitam a transmissão de subtitulação por meio de legenda oculta* e de audiodescrição, além de disposições especiais para a presença física de *intérprete de Libras* e de guias-intérpretes, com a projeção em tela da imagem do intérprete sempre que a distância não permitir sua visualização direta. (BRASIL, 2018, grifo nosso).

O Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (PNDPD), instituído pelo Decreto nº 7.612, de 2011, promove o exercício pleno e equitativo dos direitos das pessoas com deficiência por meio da integração e articulação de políticas, programas e ações, com base na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, promulgada em 2009 (BRASIL, 2011).

À nível federal, existem menções legislativas concernentes à presença do profissional intérpretes em locais de espetáculo e de teatro, todavia são encontradas problemáticas e inconsistências pertinentes ao modo o qual o Estado de fato estabelece, descreve e contribui com sua formação. O estabelecimento de critérios claros em relação ao nível de capacitação necessário para atuar em espaços teatrais garante que o trabalho realizado seja de excelência e efetivamente proporcione uma experiência acessível para o público surdo.

O contexto dos espetáculos teatrais, assim como em outras áreas em que o TILSP atua, exerce influência significativa na formação e capacitação profissional. Embora a legislação não aborde explicitamente a qualificação necessária para atuação nesses cenários, este profissional emprega recursos para aprimorar suas habilidades de tradução e interpretação. Do mesmo modo, mesmo com inconsistências presentes no texto legislativo, TILSP surdos e não surdos exercem o respaldo legal para atuarem neste campo. Portanto, é de relevância delinear, ainda que de forma breve, o panorama histórico da profissão e sua configuração atual. Sugere-se, a partir desse ponto, uma reflexão sobre o papel do TILS no contexto brasileiro no próximo capítulo. Vinculada a essa análise, é

---

<sup>4</sup> O recurso de legenda é um importante mecanismo de acessibilidade ao surdo e a pessoas com deficiência auditiva (DA). A legenda oculta do português, segunda língua do surdo, deve complementar a presença física do intérprete, pois cabe ao profissional realizar a principal mediação ao surdo em sua primeira língua.



apresentada uma discussão acerca da preparação desse profissional para demandas sobre o gênero teatral.

## 2.2 O TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS

Embora sejam numerosos os Estudos de Tradução e de Interpretação de Língua de Sinais (ETILS) que percebem a presença do Tradutor e do Intérprete na sociedade desde a Antiguidade (QUADROS, 2004), é difícil definir o momento exato em que esta atividade histórica teve início. Até mesmo os Estudos de Tradução em línguas orais não explicitam com exatidão o nascimento da tão antiga profissão (PAGURA, 2003; CAMPOS, 2004). Todavia, podemos ter a logicidade de que, ao surgirem as primeiras pessoas surdas dentre o corpo social, também surgiram os indivíduos com o papel de mediar interações entre surdos e ouvintes (CHAIBUE; AGUIAR, 2016, p. 2).

No Brasil, a presença dos TILSP é registrada por volta da década de 1980, dentro do contexto de trabalhos religiosos (QUADROS, 2004). Por mais que os registros históricos e pesquisas percebam que a prática de interpretação em Libras nestes contextos tinha primeiramente o objetivo de aproximar os surdos das igrejas, estes atuantes encontraram a demanda de se responsabilizar pela acessibilidade linguística em outros espaços, a medida em que houvesse a necessidade dos surdos terem contato com ouvintes sem o conhecimento de Libras. Os vizinhos e familiares de pessoas surdas, por conviverem com a comunidade, muitas vezes desempenhavam o papel voluntário de intérpretes em determinados contextos, como consultas médicas e nas escolas (QUADROS, 2004).

A pesquisadora Ronice Quadros (2004), em sua publicação para o Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos desenvolvida para o Ministério da Educação, também define a figura do TILSP como:

[...] o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada do país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete. No Brasil, o intérprete deve dominar a língua brasileira de sinais e língua portuguesa. Ele também pode dominar outras línguas, como o inglês, o espanhol, a língua de sinais americana e fazer a interpretação para a língua brasileira de sinais ou vice-versa (por exemplo, conferências internacionais). Além do domínio das línguas envolvidas no processo de tradução e interpretação, o profissional precisa ter qualificação específica para atuar como tal. Isso significa ter domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação. O profissional intérprete também deve ter formação específica na área de sua atuação (por exemplo, a área da educação). (QUADROS, 2004, p. 27-28)

A atividade desempenhada pelo TILS requer proficiência nas línguas envolvidas no processo comunicativo, habilidades estratégicas, um profundo conhecimento cultural das comunidades linguísticas envolvidas e um domínio hábil de noções extralinguísticas. Essas características distintivas conferem aos tradutores e intérpretes de Libras uma posição singular, que os diferencia de outros indivíduos bilíngues cujo domínio meramente linguístico pode não ser suficiente para o êxito nessa prática tradutória (ALBIR, 2005). Como o autor desenvolve:

Embora qualquer falante bilíngue possua competência comunicativa nas línguas que domina, nem todo bilíngue possui competência tradutória. A competência tradutória é um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores. (ALBIR, 2005, p. 9).

É importante destacar que a atividade de traduzir e o ato de interpretar são percebidos como práticas diferentes pelos ETILS (QUADROS, 2004; GUESSER, 2011; RODRIGUES. VALENTE, 2011) assim como pelos ETI das línguas orais (PAGURA, 2003; CAMPOS, 2010). Como compreendem Rodrigues e Valente (2011):

O tradutor trabalha com texto escrito e o resultado de sua tradução é um "outro" escrito; o intérprete lida com a fala, e o resultado de seu trabalho é uma "outra" fala. Transpondo tal conceituação para a língua de sinais, deve-se assumir que o profissional responsável por transpor discursos falados para Libras, ou o contrário, é o intérprete. Já o que transpõe um discurso escrito para Libras é o tradutor. (RODRIGUES. VALENTE. 2011, p. 14).

A tradução e a interpretação, portanto, são duas atividades linguísticas distintas que envolvem a transferência de significado entre línguas diferentes, mas ocorrem em contextos e modalidades diferentes. A tradução é um processo de ritmo não imediato, voltado geralmente para o texto escrito ou registros audiovisuais, e o tradutor tem a possibilidade de realizar consultas (com colegas ou materiais de estudo) para solucionar problemas encontrados; enquanto a interpretação diz respeito à comunicação oral em tempo real, exigindo uma habilidade ágil na transferência eficaz de significado entre as línguas. Ambos os processos desempenham papéis vitais na facilitação da comunicação interlinguística, bem como na reprodução precisa das características linguísticas e culturais do registro original para o final, e serão pesquisados conjuntamente neste estudo,

visto que o procedimento de preparação do TILSP para trabalhos em teatro envolve ambos.

O Tradutor e Intérprete de Libras, com base nestas relações, é o profissional habilitado para atuar como o mediador comunicacional entre o grupo linguístico dos surdos e o grupo linguístico dos ouvintes, ou entre surdos e surdos, realizando a interpretação ou tradução de Libras para o Português, do Português para Libras ou da Libras para outras línguas de sinais/orais. É imprescindível que este tenha o domínio das línguas e compreenda as culturas envolvidas neste processo, tendo a habilidade de transitar e se comunicar com êxito nessas.

No que tange à atuação do tradutor e intérprete surdo, Ferreira e Pinho (2020) ressaltam a existência de incertezas, tanto entre os indivíduos ouvintes quanto no âmbito da própria comunidade surda, acerca deste indivíduo enquanto profissional da área. Os autores inferem que a prática profissional surdo ocorre há décadas, e se torna ainda mais urgente, visto que ela permite a “aproximação e interação de comunidades surdas usuárias de línguas de sinais diferentes, e para a produção e difusão do conhecimento e informação em Libras” (FERREIRA, PINHO, 2020, p. 113-114). Eles ainda citam o site Deaf Interpreter Institute (2018), que explica este profissional como:

Um intérprete surdo é um especialista que oferece serviços de interpretação, tradução e transliteração em língua de sinais e outras formas de comunicação visual e tátil usadas por indivíduos que são surdos, que têm deficiência auditiva ou que são surdocegos. Como a pessoa surda, o intérprete Surdo parte de um conjunto distinto de experiências formativas linguísticas, culturais e de vida que permitem uma compreensão e uma interação variada em um amplo leque de formas de linguagem e comunicação visuais influenciadas pela região, cultura, idade, alfabetização, educação, classe e saúde física, cognitiva e mental. Essas experiências, em conjunto com a formação profissional [existente apenas fora do Brasil] dão ao intérprete Surdo a capacidade de realizar uma comunicação bem-sucedida em todos os tipos de interações com interpretação, tanto comuns quanto de alto risco.<sup>5</sup> (FERREIRA, PINHO, 2020, p. 113-114).

Inferimos neste estudo, tendo como base o que é pesquisado por Ferreira e Pinho (2020), e pelo fato de que o número de tradutores surdos tem aumentado significativamente nos últimos anos, de acordo com Quadros (2014), que estes profissionais são cada vez mais demandados, bem como os consultores surdos, pois trazem uma perspectiva culturalmente sensível para a tradução e interpretação. Eles

---

<sup>5</sup> Citação traduzida pelos autores Ferreira e Pinho (2020).

vivem a cultura, os costumes e as nuances da comunidade surda, o que contribui para uma comunicação mais autêntica e efetiva entre diferentes grupos linguísticos e culturais. Os consultores e TILSP surdos podem identificar nuances linguísticas que os tradutores ouvintes talvez não percebam, contribuindo para uma tradução cultural mais precisa.

Sobre o trabalho de profissionais surdos e suas contribuições em equipes mistas, Alves (2019) denota que

Com o aumento dessas traduções [...] validadas com a aprovação de um participante Surdo em equipe de tradução, além de beneficiar o público-alvo da tradução, também pode servir aos estudos acadêmicos como dados para análise em pesquisas que busquem destacar as estratégias utilizadas por profissionais da tradução em equipes mistas. Isso pode ter grande valor na formação de intérpretes e tradutores. (ALVES, 2019, p. 24).

O participante surdo de projetos de tradução, como um consultor de Libras — isto é, o indivíduo surdo que acompanha uma equipe de TILSP com dicas de adaptação linguísticas, extralinguísticas e culturais — traz perspectivas de sua identidade e experiência visual. Sua validação destes projetos é realizada por aconselhamentos e correções de tradução, de modo a anteceder a resolução de problemas que, futuramente, poderiam ser apontados por espectadores surdos. O consultor não necessariamente é formado na área, diferentemente do tradutor surdo.

Em relação à formação de tradutores e intérpretes, com a crescente presença de pessoas surdas em ambientes para além dos educacionais, cada vez mais os TILSP têm a necessidade de desenvolver conhecimentos técnicos para garantir um trabalho que se adeque aos novos serviços. Em virtude do estabelecimento de tais leis mencionadas anteriormente e a urgência de uma formação superior que reunisse esses princípios, em 2006 foi criado o primeiro curso de Letras - Libras do Brasil, na Universidade Federal de Santa Catarina. Primeiramente oferecido como curso de licenciatura, e em uma segunda edição, no ano de 2008, como bacharelado (SEGALA, QUADROS, 2015).

Atualmente diversas instituições de ensino, públicas e privadas, oferecem a modalidade bacharelado do curso, o que possibilita a certificação destes profissionais, aprendizados atualizados e experiências advindas de suas capacitações. Como explicam as autoras Rodrigues e Valente (2011), o mercado de trabalho exige cada vez mais que este profissional contenha variadas habilidades concernentes ao perfil de atuação, o que implica diretamente em aprimorar seu nível de formação.

Independente da área de atuação, desenvolver novas habilidades técnicas é indispensável para obter um trabalho de tradução e interpretação de qualidade em tais ambientes de trabalho, podendo estes serem, como também mencionam as autoras “[...] educacional, jurídica, médica, empresarial-trabalhista, religiosa etc.” (RODRIGUES. VALENTE, 2011) — até mesmo o artístico-teatral, que é o objeto de estudo deste trabalho. O desenvolvimento destas habilidades ocorre a partir de processos essenciais de estudo que envolvem formação, prática e experiência, ética profissional e atualizações contínuas. Na próxima seção, discorro sobre aspectos de procedimentos de preparação do TILSP e as principais características levantadas sobre esta metodologia; assim como o trabalho em equipe e sua influência durante esta fase pré-evento de interpretação.

### 2.2.1 Procedimentos de preparação e trabalho em equipe

Nogueira (2016) define a preparação do TILSP como imprescindível para qualquer trabalho interpretativo. De modo geral, o autor define esse procedimento como

[...] a fase de busca por materiais de estudo, relacionados a determinado contexto interpretativo. Nesse momento, os intérpretes podem recorrer a diferentes materiais e dispositivos de consulta na busca por informações, ou até mesmo contar com o auxílio de outros colegas. Trata-se de uma pré-interpretação em que os intérpretes mobilizam recursos a serem utilizados durante o processo interpretativo. (NOGUEIRA, 2016, p. 114-115).

O procedimento de preparação, em outras palavras, deve ser realizado independente do contexto de trabalho a ser realizado. Essa etapa é fundamental para que o profissional, uma vez que tenha aceitado a tarefa, possa buscar informações pertinentes ao tema que será interpretado (NOGUEIRA, 2016, p. 115). Nesse sentido, tais informações podem englobar conceitos tanto básicos como complexos, termos técnicos, sinônimos, bem como detalhes relacionados a pronúncias de nomes próprios, entre outros aspectos relevantes.

O TILSP, por meio deste procedimento, se apropria de uma base sólida de conhecimento, que reflete diretamente na qualidade e eficácia de seu desempenho durante a interpretação. Como explica Nogueira (2016), esta etapa dá ao profissional não apenas

informações referentes aos assuntos e tópicos mencionados em um evento futuro, como também engloba detalhes técnicos:

Ao realizar esse processo, os intérpretes se apropriam dos assuntos que serão posteriormente interpretados, a fim de refletir sobre suas escolhas. Além disso, nessa fase será o momento de verificar como funcionará o trabalho entre a equipe, os equipamentos necessários e, também, perceber a localização e, até mesmo, definir o traje utilizado pelos intérpretes. (NOGUEIRA, 2016, p. 115).

A necessidade deste aprimoramento de conhecimentos é justificada por Taylor-Bouladon (2007, p. 177) pois “os intérpretes possuem um amplo espectro de conhecimento, mas não podem ser especialistas em todos os assuntos” (apud ARAÚJO, 2011, p. 13). A busca de materiais para este estudo prévio é geralmente feita na internet (a partir de ferramentas como Youtube, Google, redes sociais de pessoas relacionadas ao evento), enciclopédias, dicionários, textos literários, e arquivos de participantes (Power Point, Word, etc) enviados com antecedência para o intérprete. O profissional pode solicitar apoio de colegas tradutores ou consultores de Libras para receber dicas tradutórias.

A Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils)<sup>6</sup> — entidade de grande importância para a categoria e referência nacional de representação política desta —, em sua lista de referência honorários, atualizada em 2020, compreende o procedimento de preparação na subárea da Tradução e Interpretação de Libras em contextos artísticos e culturais. A partir disso, é possível inferir que esta etapa é entendida pela área como parte da prestação de serviço realizado pelo TILSP, sendo inclusive considerada dentro de um orçamento. A fase de preparação, portanto, faz parte do conjunto de trabalho deste profissional, e pode ser tão importante quanto a prática interpretativa em si. Abaixo, apresento um recorte da lista com as delimitações propostas acerca destes procedimentos.

---

<sup>6</sup> A Febrapils é uma entidade que tem como objetivo a “defesa dos interesses da categoria de tradutores, intérpretes e guia-intérpretes de língua de sinais (TILS)” (FEBRAPILS, s/d). Informações retiradas do site: <https://febrapils.org.br/sobre-a-febrapils/>. Acesso em 14 de jul. de 2023.

**Tabela 2** - Referência de honorários proposto pela Febrapils para **preparação** para interpretação em Contextos Artísticos e Culturais<sup>7</sup>

SERVIÇO	DESCRIÇÃO	VALOR	OBSERVAÇÃO
Preparação e Estudo prévio para Contextos Culturais	Preparação, acompanhamento de ensaios, leituras dramáticas e similares	R\$ 480,00	Taxa única por intérprete, equivalente a um encontro de preparação.

Fonte: Febrapils (2020).

O acompanhamento de ensaios e leituras de texto dramático, com base neste recorte da lista de referência, são caracterizados como um modo do intérprete se preparar. No contexto teatral, o TILSP, ainda que não tenha como exigência ter qualquer especialização na área cênica, deve dedicar-se a uma cuidadosa preparação por meio de estudos aprofundados do gênero textual do teatro e do roteiro em questão, com o propósito de habilitar-se competentemente para lidar com o referido conteúdo artístico. Como desenvolve Silva-Neto (2017):

Para tanto, para realização do projeto de tradução, além das questões cênicas envolvidas no texto, como os quiprocós, apartes, réplicas rápidas etc., faz-se necessário, estudar as personagens e as características manifestadas nos diálogos, a partir da construção da personagem pelo ator. Inclusive porque o tradutor não traduz apenas o texto, mas o faz a partir do olhar e da enunciação do ator. Tais questões são fundamentais para evitar o apagamento desses elementos cênicos e textuais na tradução. (SILVA-NETO, 2017, p. 46).

Nesse sentido, em uma demanda do TILSP no teatro, portanto, o profissional tem o desafio de desenvolver técnicas e estratégias específicas que o possibilita transmitir as emoções, nuances e ritmo das performances teatrais. Ainda sobre este contexto, a Febrapils delimita a presença de uma equipe de no mínimo três intérpretes, um destes sendo surdo. Abaixo, apresento informações coletadas da lista de referência de honorários, com um recorte em relação às orientações acerca de interpretação simultânea realizadas em equipe em espetáculos.

<sup>7</sup> De acordo com a própria Febrapils, “a lista de referência é uma ferramenta para auxiliar nos valores de referência nacional de honorários dos tradutores e intérpretes de Língua de Sinais” (FEBRAPILS, 2020). A lista completa pode ser visualizada em: <https://febrapils.org.br/lista-de-referencia-de-honorarios/>. Acesso em 1 de jul. de 2023.

**Tabela 3** - Lista de referência de honorários para interpretação em Contextos Artísticos e Culturais

SERVIÇO	DESCRIÇÃO	VALOR	OBSERVAÇÃO
Contextos Artísticos e Culturais	Espectáculos, Shows, Cinemas e similares.	R\$ 192,00 por hora	Mínimo três intérpretes, sendo um intérprete surdo

Fonte: Febrapils (2020).

A Federação, entretanto, não detalha de quais modos ocorre a fase de preparação específica para a demanda teatral, assim como não discorre sobre a importância do surdo na equipe. Este detalhamento se faz necessário, pois instrui os profissionais ouvintes sobre a importância da participação do surdo, consultor/instrutor e tradutor, em projetos em equipe para melhoria da tradução.

O trabalho em equipe realizado por intérpretes de língua de sinais é realizado por dois ou mais profissionais em situações que demandam uma atuação conjunta. A prática conjunta possibilita as trocas de informações entre colegas a fim de melhorar a produção de discurso e contribui também para a diminuição do cansaço físico dos profissionais (NOGUEIRA, 2016, p. 86). Com base em Hoza (2010), o autor define que uma das premissas do trabalho em equipe são as conversas realizadas pré-evento de interpretação. O pesquisador desenvolve que

Esse encontro tem uma função muito importante: a do compartilhamento entre os intérpretes em relação ao modo que preferem receber as contribuições e quais são os tipos de apoio mais eficientes para a interpretação. Evidentemente, para que essa conversa aconteça de forma eficaz é importante que os intérpretes saibam como receber e dar apoio, é preciso que minimamente conheçam sobre o trabalho em equipe. (NOGUEIRA, 2016, p. 86)

Eventos, reuniões e atividades podem ser longas e envolver uma variedade de tópicos. Ter uma equipe de intérpretes disponíveis permite que eles se revezem, evitando o esgotamento e garantindo uma interpretação de qualidade por mais tempo. Uma peça de teatro pode ter a duração de horas, sem pausa, visto que a dinâmica de troca de elenco no palco permite que as cenas ocorram de forma contínua, o que justifica a necessidade de mais de um intérprete na atividade. Sobre isso, Rigo (2018, p. 36) explica que



[...] onde existe um número significativo de personagens envolvidos na peça, necessariamente, mais tradutor/intérpretes precisam estar envolvidos com o trabalho, uma vez que precisarão dividir o trabalho. Assim, é comum trabalhos em equipe nesses contextos. [...] nesses casos os profissionais precisam estar confortáveis entre si, uma vez que suas performances precisam estar sincronizadas corretamente o que, por sua vez, implica horas de prática em conjunto, atenção e suporte mútuo (RIGO, 2018, p. 36).

O trabalho em equipe em contextos de tradução torna-se valioso também, visto que cada profissional traz suas próprias experiências, conhecimentos e habilidades para a equipe. Ao trabalharem em conjunto, podem compartilhar estratégias e abordagens diferentes em momentos de decisões tradutórias. Esta dinâmica permite, ademais, a revisão do texto traduzido e sua correção, caso necessário.

Compreendemos que nem sempre é possível realizar procedimentos de preparação de modo tão aprofundado, assim como na maioria das vezes uma equipe comporta o número de profissionais necessários para um tipo de demanda. O recorte da lista de referências de honorários da Febrapils utilizado neste estudo, por exemplo, tem como requisito no mínimo três TILSP no contexto artístico-cultural, porém percebo que esse número ainda não é uma realidade, visto que geralmente essa prática é realizada, no máximo, por duplas ou até por um único profissional. Isso ocorre pois nem sempre um contratante aprova um orçamento com mais profissionais. Assim como nem sempre o intérprete tem acesso prévio ao roteiro da peça.

A partir destas relações, inferimos que em essência, a prática de preparação em equipe no contexto da tradução e interpretação teatral é uma abordagem colaborativa que busca unir a expertise de diversos profissionais para criar uma experiência teatral autêntica e impactante, tanto para a audiência quanto para os próprios envolvidos na produção. A fase preparatória permite que ocorram discussões e decisões conjuntas sobre escolhas linguísticas durante a adaptação do texto dramático. Para compreendermos de forma ampla como este trabalho ocorre, a próxima seção apresenta um panorama geral sobre o trabalho de tradução e interpretação no âmbito cênico.

## 2.3 TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS NO TEATRO: PANORAMA GERAL

Nos últimos dez anos, tem-se observado um notável crescimento nas publicações dedicadas ao trabalho de Tradução e Interpretação em Língua de Sinais no Teatro, conforme observado por Rigo (2018). Dentro desse contexto, diversas publicações têm se dedicado a relatar experiências específicas, como a formação de tradutores no teatro (NETO, 2018), atividades de interpretação interlingual (FOMIN, 2018), dinâmica de trabalho em equipe (MENDES, G; NOGUEIRA, 2018), entre outros temas de relevância.

O presente capítulo tem como propósito promover uma discussão geral acerca das diferentes abordagens de trabalhos de tradução e interpretação de Libras no contexto cênico. Para atingir esse objetivo, será apresentado, neste bloco, características concernentes ao texto dramático e à linguagem teatral, para aprofundarmos o debate sobre as especificidades do traduzir nesta área; em conjunto, um panorama geral sobre experiências e desafios percorridos na área.

O texto dramático é produzido objetivando a encenação, isto é, a representação cênica do que é mencionado no texto. De acordo com Guimarães (2004, p. 59), essa característica diferencia o texto dramático de outros gêneros literários “pelo fato de se destinar não só a ser *lido*, mas também a ser *visto*”. Como fundamento, outra característica do texto teatral é observada pela autora no que diz respeito à sua estrutura pressupor um espectador, não apenas um leitor. Fato este é denotado pela utilização de didascálias no roteiro de espetáculo. Estas, também nomeadas como rascunhos, detalham ao leitor, encenador e espectador acontecimentos da cena com “fins explicativos, predicativos e persuasivos” (GUIMARÃES, 2004, p. 59), e constituem-se em

[...] indicações do autor relativamente a aspectos tão díspares como a identificação de personagens, **tom de voz, cinética e gestualidade**, bem como a todo o universo circundante em que as personagens **se movem e agem**, tais como ruídos exteriores, estados de espírito, tempo e espaço. (GUIMARÃES, 2004, p. 59, grifo nosso).

O texto teatral, portanto, é composto por escritos que apresentam diálogos entre personagens e indicações quanto às suas ações (movimentos, deslocamentos, descrições sobre expressões, interações com objetos, etc) em cena. Refletimos, com base nisso, que

o TILSP não pode ignorar o aspecto visual sobre o que ocorre em cena elencada ao texto. Neste contexto, Xavier (2021) aponta que

É tarefa do TILSP traduzir textos e roteiros dramaturgicos, mas, no caso da Libras, a atividade não se resume ao texto – um registro da língua oral –, o processo também envolve a apropriação da dinâmica entre os atores, sua gestualidade, a sonoridade, a iluminação, as informações contextuais necessárias à cena, sendo, assim, um registro visual e corpóreo do texto. (XAVIER, C. 2021, p. 32).

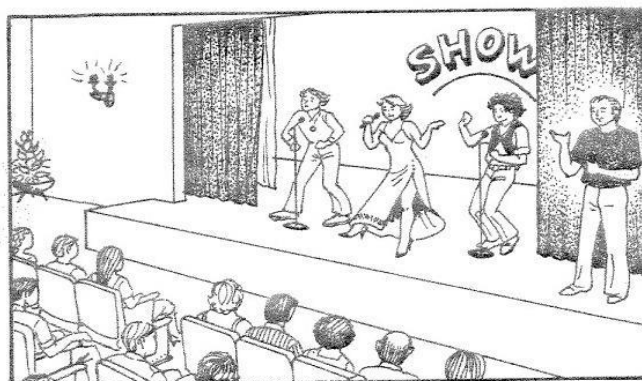
A Libras, enquanto língua de modalidade visual-espacial, compreende especificidades linguísticas gramaticais que condicionam a forma que o tradutor deve trabalhar sobre o texto. Entendemos que a apropriação pelo profissional TILS sobre o discurso visual produzido em cena influencia na qualidade de visualidade da tradução, tornando-a mais próxima do público surdo ao utilizar elementos corpóreos desta língua de sinais e gestualidades produzidas pelos atores. Ao refletirmos sobre qualidade visual da tradução, concordamos com Silva-Neto (2017) no que se refere a

[...] uma das peculiaridades do teatro contemporâneo principalmente é a multiplicidade de linguagens, o tradutor de Libras deverá levar em consideração todos esses elementos em seu projeto de tradução, tais como: a iluminação, cenário, imagens, música, encenação etc., ou seja, toda a teatralidade com o propósito de harmonizar com a poética do espetáculo e viabilizar uma experiência estética ao espectador surdo. (SILVA-NETO, 2017, p. 45).

Desde a década de 80, a FENEIS tem registrado a imperativa necessidade da presença do TILSP em espetáculos teatrais. No documento intitulado "O que é o intérprete de língua de sinais para pessoas surdas?", publicado em 1988 e republicado no ano de 1995, a Federação estabelece que a atuação do intérprete no teatro é tão importante "quanto o próprio desempenho dos protagonistas e a qualidade do texto" (FENEIS, p. 16, 1988).

Na figura nº 1, apresentada abaixo, extraída do documento elaborado pela Federação, é apresentada a ilustração do processo de atuação do intérprete no palco, durante eventos culturais, tais como teatro, concertos e apresentações de temas folclóricos, entre outros. (FENEIS, 1988, p. 16). A cartilha publicada pela FENEIS é relevante até o momento atual para percebermos a antiga demanda da comunidade por acessibilidade em espetáculos.

**Figura 1** - O intérprete em atividades culturais cênicas



Fonte: FENEIS, 1988, p. 16.

Apesar da antiga cartilha ilustrar o TILSP no canto do palco, com camisa de cor escura e “neutra” — posicionamento e vestimenta tradicionalmente utilizados pelos profissionais — temos em vista que estas decisões interpretativas são afetadas também pelo viés estético inerente à atividade cênica. Observa-se, cada vez mais, a tendência desses profissionais, durante o ato de interpretação, em optar por roupas e adereços que fazem referência ao figurino dos personagens presentes nas peças. Essa escolha pode ser percebida como uma ação de estabelecer uma harmonia visual com o elenco presente no palco, alinhando-se, assim, à proposta estética da produção teatral e trazendo uma imersão maior na história ao espectador surdo. Abaixo, como exemplificação, apresento uma imagem de profissionais TILSP, postada de forma pública na internet, utilizando vestimentas com cores semelhantes aos personagens em cena:

**Imagem 2** - Intérpretes em atividade cênica



Fonte: Instagram do coletivo Para Todos Acessibilidade<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Disponível publicamente em: ([https://www.instagram.com/p/Cn3BVQxuE9F/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Cn3BVQxuE9F/?img_index=1)). Acesso em: 14 de abril de 2023.

O posicionamento durante a peça é influenciado, portanto, pelos recursos estilísticos atrelados ao espetáculo. Assim, o intérprete não necessariamente fica no canto do palco nestes contextos. Essa decisão parte do que é necessário para o tipo de demanda em questão e do que a direção, elenco e produtores da peça acordam com a equipe de intérpretes na fase pré-espetáculo. Desse modo, assim como o recurso de figurino dos TILSP é utilizado para provocar uma maior imersão ao espectador surdo à peça, o modo que este se estabelece no palco pode ser estrategicamente pensado para que a interpretação se funda, de fato, com a encenação.

O TILSP enquanto sujeito que encena, assim como os atores da peça, enquanto realiza a interpretação, é uma prática já realizada e pesquisada na área. Esta decisão estética objetiva ter o intérprete como um personagem da peça. O teatro musical da Broadway, *O Despertar da Primavera*<sup>9</sup>, em 2015, trouxe uma equipe composta por tradutor-intérprete surdo e não surdo, também atores, realizando o ato interpretativo do texto enquanto personagens da composição. Abaixo, apresento uma imagem da apresentação musical:

**Imagem 3** - Ator-intérprete surdo em cena como personagem na peça *O Despertar da Primavera*



Fonte: Youtube<sup>10</sup>.

Os intérpretes enquanto “sombras” dos atores, ou seja, posicionados em duplas (ou mais integrantes) atrás ou ao lado dos personagens da cena, realizando movimentações de posicionamento em conjunto com os artistas enquanto estes caminham pelo palco, é também um método de encenabilidade vinculado à interpretação. Como exemplificação, citamos o trabalho dos TILSP Jonatas Medeiros e Rafaela Hoebel no

---

<sup>9</sup> Do original: *Spring Awakening*.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XSpv3-4OBs>. Acesso em 10 de ago. de 2023.

espetáculo de teatro musical *Cirandas Brasileiras* (2018). Os intérpretes utilizaram diversos métodos de posicionamento durante toda a peça, sendo que em alguns momentos interagem e dançam com os atores, e em outros momentos, se posicionam no canto do palco.

**Imagem 4** - intérpretes de Libras no espetáculo *Ciranda Brasileira*



Fonte: Youtube<sup>11</sup>.

Entre outras características da tradução e interpretação de teatro a serem consideradas pelo TILSP, elencamos a modalidade de apresentação teatral (teatro de rua, de palco, de bonecos, entre outros), visto que esta pode também influenciar o posicionamento no local de espetáculo, assim como a iluminação; tempo/duração da peça; número de personagens presentes em cada cena do roteiro; caracterização do elenco etc. Assim como as ações dos personagens realizadas durante a encenação, como mencionadas anteriormente. Estes itens podem se tornar problemas de tradução e, conjuntamente, mecanismos para a solução desses. Parte deles podem ser apropriados pelos profissionais por meio de observações de vídeos de encenações ou em participações dos ensaios da peça. Sobre a necessidade de o TILSP estar presente em ensaios, Rigo (2019) argumenta que

[...] a participação dos profissionais nesses momentos que antecedem o espetáculo, sobretudo dos ensaios, possibilita uma visão geral da evolução, características e personalidade dos personagens. Esses momentos de ensaio são imprescindíveis na medida em que envolvem o planejamento dos atores e intérpretes no palco, incluindo suas entradas, saídas e movimentações, bem como as interações entre si. (RIGO, 2022, p. 4).

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ZrrdDMUyQ0>. Acesso em 16 de ago. de 2023.

Entre os elementos verbo-visuais que influenciam a interpretação teatral (FOMIN, 2018), a visualização das características dos personagens fornece ao tradutor aporte para criar sinais para estes. É comum, dentro de roteiros, a existência de diversos nomes de indivíduos que compõem a história da peça. Desse modo, a identificação destes por meio de sinais próprios para cada um, aproxima este trabalho à uma tradução cultural e imersiva. Sobre este elemento, Rigo (2022) explica que

[...] quando o profissional emprega a datilologia para referenciação de nomes, dificilmente o público sinalizador percebe. Assim, a identificação em sinais pode ser criada para cada personagem, contudo precisará ser introduzida de alguma forma na encenação de modo que fique claro ao espectador sinalizante quem é quem na história (RIGO, 2022, p. 6).

No que se refere à tradução cultural neste contexto, este estudo concorda com Neta e Russo (2019) explicam, com base em Campos (2004), que “uma tradução não se faz apenas de uma língua para outra, mas sim de uma cultura para outra também (NETA; RUSSO, 2019, p. 129). Portanto, além dos recursos estéticos e estilísticos, devem se pensar em estratégias linguísticas para aproximar o espectador surdo do sentido deste discurso. As tradutoras da peça e pesquisadoras aprofundam esta temática em seu trabalho conjunto com o grupo de teatro surdo Signatores. No espetáculo Alice no País das Maravilhas, criado a partir de uma proposta de apresentação bilíngue, com atores, personagens e protagonismo surdo, as autoras relatam o procedimento tradutório com a participação do elenco surdo e consultor surdo de Libras em escolhas linguísticas, como na criação de sinais de personagens, tradução de expressões idiomáticas, e o quanto este trabalho conjunto enriquece o processo de construção coletiva (NETA; RUSSO, 2014). Abaixo, demonstro uma imagem do espetáculo realizado a partir desta mediação intercultural:

**Imagem 5** - Espetáculo bilíngue surdo Alice no país das Maravilhas



Fonte: Youtube.<sup>12</sup>

Com base neste panorama geral, percebemos que a tradução e interpretação de Libras no teatro transcendem a mera transmissão de palavras; elas compreendem a própria essência da expressão artística. Através de um olhar que considera a encenabilidade como importante recurso de tradução, os tradutores e intérpretes de Libras têm a capacidade de transmitir as nuances emocionais, o tom, a energia e os matizes das performances teatrais. Isso não apenas possibilita aos espectadores surdos a compreensão da narrativa, mas também lhes permite mergulhar profundamente na atmosfera e na mensagem da peça. Este público, portanto, consegue se conectar profundamente com a arte e a cultura de forma acessível.

Acreditamos que, para alcançar uma tradução e interpretação de qualidade no teatro, é imperativo que os profissionais realizem estudos prévios minuciosos do gênero literário dramático e suas características. Cada peça teatral é única em seu estilo, contexto cultural e línguas envolvidas. Portanto, os profissionais devem mergulhar no material original, compreendendo as nuances do texto e elementos cênicos. Estes precisam, bem como, conceber a tradução cultural como um elemento fundamental para um trabalho que de fato atinja positivamente o público surdo.

Tendo isto em vista, entendemos que o surdo, não apenas enquanto espectador, mas sim como um participante ativo desta mediação, já se faz presente enquanto tradutor desta área. A partir desta percepção, elencada a curiosidade em entender as diversas possibilidades de tradução artístico-teatral, temos como objeto de estudo o profissional

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=74pQdeRfxWM>. Acesso em 14 de jul. de 2023.



surdo atuante na atividade cênica em trabalhos em equipe. No capítulo a seguir, será descrita a metodologia e os principais objetivos do estudo.

### **3 METODOLOGIA DE PESQUISA**

Este trabalho tem caráter exploratório a partir de uma análise bibliográfica. Esta abordagem metodológica foi escolhida pela possibilidade de uma ampla cobertura de uma gama de fenômenos (GIL, 2002) no que se refere à identificação de tendências, lacunas e divergências na literatura. O principal objetivo do estudo é explorar a preparação realizada pelos TILSP para a atividade de tradução e interpretação de Libras no teatro, com foco especial na atuação do tradutor e intérprete surdo e do consultor surdo, examinando como esse procedimento, com a participação destes dois profissionais na equipe, pode aprimorar ainda mais a experiência teatral para a comunidade surda.

Com base na pergunta norteadora: “quais são os recursos de preparação utilizados por TILSP surdo e consultores de Libras surdos e como contribuem, a partir de seu repertório cultural, para a melhoria da qualidade de tradução e interpretação de teatro em trabalhos em equipe com TILSP ouvinte?”, foram estabelecidos os objetivos específicos da pesquisa, sendo estes:

(i) identificar os procedimentos de preparação específicos realizados por equipes multilíngues previamente para atividades em espetáculos teatrais;

(ii) identificar experiências de colaboração entre profissionais surdos e ouvintes no contexto de tradução e interpretação teatral;

(iii) analisar, a partir dessa identificação de recursos e procedimentos, sobre de que modo TILSP e consultores surdos contribuem durante a fase preparatória e influenciam, com base em suas experiências enquanto indivíduos surdos e suas vivências culturais enquanto falantes nativos da língua de sinais, sobre a qualidade técnica tradutória intrínseca a essa atividade no contexto teatral.

A revisão bibliográfica foi conduzida por meio de uma abordagem sistemática de busca em fontes acadêmicas, como Google Acadêmico, o próprio Google e bases de dados de periódicos científicos (Periódicos UFSC, Repositório Institucional UFSC, Lume

UFRGS, Scielo). Além das palavras-chave previamente definidas, como "tradução e interpretação de Libras no teatro", "tradutor surdo no teatro", "preparação para interpretação no teatro" e "consultor surdo no teatro", também foram incluídos outros termos relacionados à preparação do tradutor e intérprete de Libras, como "formação profissional em Libras no teatro", "capacitação teatral para intérpretes de Libras". Os mesmos termos foram pesquisados em inglês, visto a familiaridade que possui com a leitura da língua.

Como princípios de seleção das publicações científicas, temos sua relevância temática, atualidade e metodologia sólida. Portanto, foram criteriosamente selecionados estudos que atendem aos seguintes parâmetros:

1. Período de publicação restrito aos últimos 10 anos, assegurando que os artigos escolhidos refletem a atualidade das discussões sobre o tema em questão;
2. Os artigos escolhidos abordam a atuação do tradutor e intérprete de língua de sinais em espetáculos teatrais e, mesmo que esse tema não seja o foco central do estudo, apresentam discussões pertinentes sobre os procedimentos de preparação desses profissionais pré-espetáculo;
3. Ademais, os estudos selecionados discutam e descrevam a participação ativa do tradutor e/ou consultor surdo durante o processo de preparação;
4. Publicações disponibilizadas de forma livre e gratuita nas plataformas de repositório.

Essa abordagem metodológica permitiu a seleção de trabalhos que convergem com os objetivos desta pesquisa, oferecendo uma base sólida para uma análise de dados aprofundada sobre o impacto da preparação adequada nesse contexto. Para a identificação das fontes, sejam estes livros, obras de referência, teses, dissertações, periódicos científicos, anais de encontros científicos e periódicos de indexação e de resumo, foi realizada uma leitura aprofundada dos materiais antes de serem definitivamente selecionados, objetivando uma apreciação crítica sobre o conteúdo a ser consultado (GIL, 2002).

A delimitação do período de publicação nos últimos 10 anos assegura que as informações coletadas são contemporâneas, restritas e alinhadas com os desenvolvimentos recentes nessa área de estudo. A preferência do período foi influenciada, ademais, pelo registro do notável crescimento de publicações dedicadas ao

trabalho de Tradução e Interpretação em Língua de Sinais no contexto artístico-cultural nos últimos anos, como percebe Rigo (2018). A busca por artigos que, mesmo não sendo focados especificamente na preparação desses profissionais, abordam discussões relevantes sobre o tema, agrega um enriquecimento teórico ao estudo, ampliando a compreensão das diversas facetas que envolvem a atuação do tradutor e intérprete de Libras no teatro.

Todos os artigos selecionados estão de acordo com o critério estabelecido pelo pesquisador, visto que apresentam discussões pertinentes sobre tradução e interpretação de Libras no teatro e contemplam a presença de TILSP surdo ou consultor surdo durante o período que antecede a prática de interpretação. Além disso, todos estes discorrem sobre o período de estudos pré-encenação, ou seja, sobre procedimentos de preparação realizados. A partir disso, na próxima seção serão apresentados os resultados encontrados a partir do percurso metodológico.

#### **4 ANÁLISE DE DADOS**

Neste capítulo, são demonstrados os resultados encontrados por meio da pesquisa bibliográfica e análise de dados desenvolvida. A apresentação é feita por meio de tabelas que auxiliam na classificação das informações encontradas. A partir dos objetivos específicos delimitados no capítulo anterior, que visam (i) identificar os procedimentos de preparação específicos realizados previamente para atividades em espetáculos teatrais; (ii) analisar, a partir dessa identificação de recursos e procedimentos, sobre de que modo TILSP e consultores surdos contribuem durante a fase preparatória e influenciam, com base em suas experiências enquanto indivíduos surdos e suas vivências culturais enquanto falantes nativos da língua de sinais, sobre a qualidade técnica tradutória intrínseca a essa atividade no contexto teatral, este estudo busca levantar uma investigação acerca do trabalho em equipe de TILSP surdo, ouvinte e consultor surdo no teatro.

Deste modo, este capítulo está dividido em: (1) apresentação do mapeamento bibliográfico; (2) categorização dos procedimentos específicos para tradução e interpretação no teatro; (3) o trabalho do TILSP surdo em equipes com TILSP não surdos, e por fim, (4) o perfil e a atuação do consultor de Libras surdo que auxilia equipes de TILSP em atividades cênicas.

#### 4.1 Mapeamento bibliográfico

Nesta seção, apresento as publicações científicas selecionadas por meio da utilização das palavras-chave e dos critérios detalhados no capítulo de metodologia. Será apresentada uma visão aprofundada das descobertas e tendências identificadas no corpus de estudos examinado, enriquecendo assim a compreensão sobre a dinâmica da atuação conjunta desses profissionais no contexto teatral. Abaixo, é exibida a tabela concernente aos artigos. Posteriormente, discorro sobre detalhes relevantes acerca deste mapeamento.

**Tabela 4 - Artigos selecionados para a análise de dados**

ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO DE PUBLICAÇÃO
2014	MIELKE, K.	The Song That Goes Like This: The Art of Theatrical Sign Language Interpreting and Translating <sup>13</sup>	Dissertação
2019	RUSSO, A; NETA, C.	Alice em dois atos: PROCESSOS DE TRADUÇÃO EM LIBRAS NO TEATRO	Capítulo de livro
2019	SACRAMENTO, L.S	TRADUÇÃO TEATRAL: PRODUZINDO EM LIBRAS NO TEATRO SURDO	Dissertação
2020	MEDEIROS, J; HOEBEL, F	Experiência de tradução conjunta entre tradutores surdo e não surdo no espetáculo musical Cirandas Brasileiras	Capítulo de livro
2020	ROSA, E; PERES, B.	Para além do acústico: O TEATRO MÁGICO SINALIZADO	Capítulo de livro
2021	NETA, C.	O Corpo Tradutório: Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais (Libras) no Teatro	Tese

Fonte: elaborado pelo autor com base nos artigos selecionados (2023).

A partir da realização do mapeamento bibliográfico, seis (6) publicações foram selecionadas. Constata-se uma notável escassez de estudos abordando a temática no

<sup>13</sup> Traduzido para o português: “A Canção que Vai Assim: A Arte da Interpretação e Tradução Teatral em Língua de Sinais” (tradução minha).

âmbito deste período investigado (2013 até 2023), principalmente no que se refere à discussão da participação ativa de profissionais surdos no processo de tradução.

Alguns estudos que citam o tradutor/intérprete e consultor surdo durante a preparação para prática no teatro não foram selecionados, visto que, com base nos critérios destacados na metodologia, não trazem informações ou apresentaram discussões sobre como estes profissionais contribuiriam durante o trabalho em equipe, tendo apenas uma rápida menção a esta figura; outro critério de eliminação deu-se pela não disponibilização da pesquisa completa de forma gratuita, pois apesar de a temática e período estarem de acordo com a metodologia estabelecida neste estudo (com base nas informações apresentadas dentro do resumo desta pesquisa), isso impossibilitou que fosse realizada uma análise aprofundada das experiências discutidas.

Todas as seis publicações discutem o processo de preparação do tradutor e intérprete de LS, ilustrando como ocorreram algumas das etapas do procedimento. Com base nestes materiais, a próxima seção apresentará o mapeamento destas etapas e suas descrições, a partir de uma categorização elaborada para este estudo.

#### 4.2 Procedimentos de preparação específicos para o contexto teatral

A partir da leitura minuciosa realizada sobre as pesquisas selecionadas, foi possível verificar padrões entre os recursos preparatórios realizados por estas equipes para demandas na área teatral. Esta identificação é fundamental para que as discussões deste estudo sobre a colaboração entre profissionais surdos e não surdos durante estes procedimentos sejam elaboradas.

Tendo isso em vista, para este estudo, foi criada uma tabela de categorização de procedimentos frequentemente realizados para o contexto em questão, utilizando como base a literatura referenciada acima. É utilizado como modelo, também, a tabela proposta pela Febrapils, discutida em capítulos anteriores, referente a lista de referência de honorários em contextos artístico-culturais. A sistematização é apresentada abaixo, e em conjunto, como os autores descrevem a utilização destes recursos.

**Tabela 5** - Procedimentos de preparação para tradução/interpretação no teatro

PROCEDIMENTO DE PREPARAÇÃO	DESCRIÇÃO
1. Estudo de texto dramático	Fase de busca e estudos de materiais logo que a demanda é aceita, inicialmente realizada de forma individual, portanto limitante. Geralmente é feita pela <b>leitura aprofundada do roteiro (texto dramático)</b> e <b>vídeos de encenação da peça</b> . O estudo é amplificado por meio dos estudos em grupo, que permite o compartilhamento de dúvidas, informações e percepções sobre a peça pelo grupo de TILSP. Os primeiros problemas de tradução elencados à linguagem teatral ( <b>dramatização, nomes de personagens, músicas, uso de figuras de linguagem, piadas e expressões idiomáticas</b> ) são identificados para que posteriormente sejam solucionados pela equipe durante a tradução de roteiro.
2. Presença em ensaios	A participação do TILSP em ensaios permite a visualização das ações feitas em cena e outras informações omitidas no roteiro; diálogo e combinações entre diretores e atores da peça; familiaridade com o ritmo de fala dos atores e duração de cenas; coleta de informações estéticas relevantes.
3. Ensaios de tradução	Assim como os atores, a equipe também realiza o próprio ensaio com base no roteiro e no pré-projeto de tradução.
4. Tradução de roteiro	A equipe soluciona problemas de tradução e antecipa imprevistos da atividade de interpretação, como a criação de sinais para os personagens; adaptação cultural da linguagem musical, figuras de linguagem, piadas e expressões idiomáticas. A tradução é registrada em vídeo ou glosa <sup>14</sup> .
5. Aspectos cênicos	Engloba a escolha de vestimenta, adereços, maquiagem e o posicionamento do TILSP no palco/local do espetáculo.

Fonte: elaborado pelo autor com base nas pesquisas selecionadas (2023).

De modo detalhado, sobre os procedimentos anteriores à interpretação do espetáculo, Medeiros e Hoebel (2020), tradutor não surdo e tradutora surda, respectivamente, descrevem no terceiro volume do livro *Textos e Contextos Artísticos e Literários: Tradução e Interpretação em Libras* (2020), a importância do passo passo

<sup>14</sup>A glosa é um método de documentação inteligível para ser editado e atualizado. Em trabalhos de tradução para Libras com comentários, glosas são anotações na forma escrita na LP, que representam os sinais que compõem o texto traduzido.

metodológico de estudos realizados pela dupla durante a apresentação do espetáculo musical *Cirandas Brasileiras*, de 2015. Eles relatam, de modo geral, que

A tradução teatral de *Cirandas Brasileiras* envolveu vários passos e ações dos tradutores, idas para assistir aos ensaios do elenco, estudo dos textos e letras das canções, captação de imagens nos ensaios, encontros para tradução, gravações das traduções em Libras e ensaios conjuntos (MEDEIROS. HOEBEL, 2020, p. 206).

**Sobre a etapa 1 - Estudos do texto dramático**, a dupla Medeiros e Hoebel, assim como Russo e Neta (2019), discorrem sobre o passo a passo do processo de tradução do roteiro. Os dois projetos de tradução relatam a experiência em peças bilíngues biculturais, ou seja, tem a Libras como componente na encenação. As duas duplas de intérpretes, ao acordarem a demanda com contratantes, iniciaram o processo de estudo em cima do texto dramático.

Em relação à **etapa 2 - Presença em ensaios**, compreendemos, em capítulos anteriores, a importância do tradutor em participar de ensaios do elenco, pois este contato estabelece uma interação maior com a produção envolvida e permite que ele observe informações importantes para o projeto (referentes à encenação, figurino, iluminação do palco, etc). Medeiros e Hoebel, com base em Fomin (2018), percebem que uma peça não compreende apenas elementos textuais, e faz-se necessário considerar as culturas envolvidas, elementos visuais e extralinguísticos existentes. As autoras Russo e Neta relatam que, visualizar características de personagens da peça *Alice no País das Maravilhas*, às permitiu utilizar estas para a criação de sinais de cada um (NETA; RUSSO, 2018, p. 137).

A participação em ensaios permite que o tradutor encontre elementos textuais não entendíveis apenas com a leitura do texto. Por exemplo, em um roteiro em que existem enunciados pautados em ironia, sua descrição pode não conter respectivas didascálias que se refiram à figura de linguagem presente no texto. Ademais, dependendo da frase, a ironia do enunciado pode influenciar na escolha tradutória do profissional. Este, sem a menção da figura de linguagem no enunciado no roteiro, só terá consciência forma de expressão no momento de encenação dos ensaios ao ouvir os atores passando o texto, ou caso busque informações com indivíduos ligados à peça, outros materiais, etc.

Em relação à **etapa 3 - Ensaios de tradução**, Medeiros e Hoebel descrevem que estes ensaios próprios permitiram que a dupla realizasse combinações e marcações de movimento durante os ensaios da peça (MEDEIROS; HOEBEL, 2020, p. 193). Compreendemos que diversas combinações podem ser realizadas entre a dupla ou equipe de TILSP durante a passada do próprio texto de tradução. Estes ensaios facilitam o registro dos rascunhos de tradução, por vídeo ou glosa. A **etapa 4 - Tradução de Roteiro**, é descrita em todas as publicações como o principal procedimento do projeto. É o registro final do projeto após todas as etapas de estudo. Pode ainda passar pela revisão de outros profissionais, para correções de erros não percebidos pela equipe.

Em relação à **etapa 5 - Aspectos Cênicos**, ela pode ser realizada antes ou depois das etapas anteriores. Medeiros e Hoebel (2020, p. citam que combinações sobre figurino, posicionamento no palco, entre outros arranjos, foram acordados entre a produção da peça logo nas primeiras negociações. Rosa e Peres (2020) também revelam combinações com a direção do espetáculo para que a iluminação do palco tenha foco no intérprete.

Com base nesta categorização e descrição dos procedimentos, que serão utilizados para contextualizar como ocorre o trabalho de preparação em equipes com profissionais surdos e não surdos, os próximos capítulos tem como foco detalhar, com base na pesquisa bibliográfica, de quais modos os profissionais Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais/Português (TILSP) e consultores surdos de Libras, que atuam em equipe com tradutores não surdos em espetáculos teatrais, contribuem para o aprimoramento dos procedimentos preparatórios específicos executados pelos TILSP para interpretação na atividade cênica.

#### **4.3 Atuação do tradutor/intérprete surdo em equipe com tradutor/intérprete não surdo em espetáculos**

Dentre as seis publicações encontradas e selecionadas, apenas duas compreendem a presença do profissional surdo enquanto intérprete, que participa da atividade de interpretação simultânea nos palcos durante o espetáculo com o restante da equipe, e



durante todo o processo de tradução com a equipe, não apenas pontualmente enquanto consultores. Sacramento (2019) e Medeiros e Hoebel (2020) trazem a perspectiva de pesquisadores e TILSP surdos, em práticas na área dramaturgica que elevam o protagonismo do surdo dentro da categoria.

Outras publicações trazem o tradutor surdo enquanto um consultor de Libras. Estas serão aprofundadas no próximo capítulo. Abaixo, apresento um recorte da lista de publicações selecionadas inicial, agora apenas com as duas publicações sobre o TILSP surdo no teatro.

**Tabela 6 - Recorte da lista de artigos selecionados**

<b>ANO</b>	<b>AUTORES</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>TIPO DE PUBLICAÇÃO</b>
2019	SACRAMENTO, L.S	TRADUÇÃO TEATRAL: PRODUZINDO EM LIBRAS NO TEATRO SURDO	Dissertação
2020	MEDEIROS, J; HOEBEL, F	Experiência de tradução conjunta entre tradutores surdo e não surdo no espetáculo musical Cirandas Brasileiras	Capítulo de livro

Fonte: o autor (2023).

Sacramento (2020) descreve as experiências do projeto de tradução da peça Cidade de Deus – Casos e Conflitos. A peça, de roteiro original do português, foi traduzida para a Libras e encenada por atores surdos, e traduzida novamente para Sinais Internacionais (SI). Sua última tradução, realizada por um TILSP surdo, ocorreu pelo fato do espetáculo ser apresentado na França. O projeto descrito por Sacramento envolve extrema complexidade, visto que passa pelos processos de tradução cultural, interpretação interlinguística (de Libras para SI) e intramodal, visto que a tradução descrita na publicação perpassa por duas línguas de mesma modalidade, a visual-espacial (SACRAMENTO, 2020).

A publicação do autor tem como foco o protagonismo político do surdo no processo tradutório e na criação de toda a produção artística. Em sua montagem bilíngue,

ele perpassa o teatro Sobre a autoria da tradução, realizada por atores surdos da peça, os quais Resende nomeia como “tradutor-surdo”. Sobre esta categoria, ele descreve que

A função do tradutor teatral surdo, ou “tradutor”, é deixar fluente na Libras os textos e os ensaios teatrais, devido à sua experiência com espetáculos existentes, tenhamos algumas delas esclarecido. E mais, seu papel é controlar, no conjunto do teatro surdo, os elementos cênicos como imitação, pantomima, mímica corporal, ações, improvisações e outras categorias, da técnica à representação, sistematizando as competências corpóreas e vocais de representação para o ator.. (SACRAMENTO, 2020, p. 61).

Entendemos, a partir disso, que as marcas culturais vivenciadas cotidianamente por estes profissionais surdos têm influência em suas produções tradutórias, tornando o processo mais natural. Sacramento ainda mostra que esta adaptação cultural pode ser realizada antes da encenação, ou seja, durante a preparação:

Os tradutores, portanto, poderiam traduzir, discutir e elaborar os estudos das obras literárias para Libras, evidenciando a cultura surda e o teatro surdo marcando identitariamente desde o início a sua língua já na preparação teatral. (SACRAMENTO, 2020, p. 41).

Durante a atividade de interpretação simultânea de uma peça, um TILSP pode não conseguir pensar em estratégias que comportem uma tradução cultural no que se refere a evidenciar a cultura surda. A criação de sinais de personagens e a memorização desses, por exemplo, pode tornar-se uma improvisação dificultosa caso realizada enquanto a peça acontece. Essas decisões, se discutidas durante a fase de preparação, combinações prévias e planejadas que trazem segurança ao trabalho.

Rafaela Hoebel (TILSP surda) e Jonatas Medeiros (TILSP não surdo), no projeto de tradução conjunto da peça Cirandas Brasileiras, também descrevem um complexo processo tradutório, envolvendo teatro musical e ensaios com o elenco para que a tradutora surda marcasse suas movimentações no palco durante as canções. Os autores descrevem que durante a peça, Rafaela precisava realizar movimentos e deslocamentos junto com os atores em momentos específicos das músicas, e os ensaios possibilitaram este direcionamento (MEDEIROS; HOEBEL, 2020, p. 193).

Diferentes recursos de localização no palco e marcação de movimento foram utilizados pela dupla. Enquanto Rafaela, tradutora surda, guiou-se pelo uso do foco de

iluminação em cena, Jonatas utilizou sua percepção sonora. Em comum, os dois utilizaram a visualidade das trocas de figurino, mudanças de cenário etc., para saberem em que momento do texto estava a peça. Em outros momentos, em que somente a tradutora surda realizava a interpretação, a equipe utilizou-se de códigos visuais (como representações icônicas de instrumentos) feitos por Jonathan, para que Rafaela marcasse o tempo da música (MEDEIROS; HOEBEL, 2020, p. 194).

Assim, durante os ensaios de tradução, o tradutor ouvinte, falante do português como primeira língua (L1), passou o texto musical em Libras, sua segunda língua (L2) para a tradutora surda. A profissional surda, falante nativa de língua de sinais, ou seja, tem a Libras como L1, captou a mensagem realizada pelo colega em Libras e transpôs o sentido desta, na mesma língua, porém a partir de seu repertório linguístico. Essa transposição permite que as canções presentes no roteiro teatral apresentem elementos da poética surda, com uso de classificadores (marcadores que utilizam configurações de mão específicas para descrever objetos, pessoas, animais, etc realizando ações), metáforas visuais, jogos com as configurações de mão e outros elementos de forma criativa.

O trabalho entre equipe de intérpretes surdo e ouvinte no teatro permite a união de conhecimentos de indivíduos de culturas diferentes, e deve ser realizado de modo que o surdo não fique apenas nos bastidores, como um apoio. O profissional surdo deve ser colocado em igualdade com o não surdo em cena, com sua presença no palco, para que de fato tenha visibilidade e protagonismo no projeto de tradução que igualmente construiu. São diversas as estratégias que possibilitam este trabalho, inclusive em contextos musicais.

Apesar de não aprofundarmos a tradução de música neste estudo, entendemos que este é um assunto de grande complexidade no contexto de tradução para a língua de sinais e que a musicalidade é bastante presente dentro de peças teatrais. Como sabemos, as identidades surdas são diversas, o que faz com que os indivíduos desta comunidade tenham opiniões divergentes sobre se sentirem confortáveis com a linguagem musical, e se isto, de fato, impacta os surdos. Ainda existem debates sobre a música fazer parte do “mundo” dos surdos, porém como inferem Rosa e Peres (2020), este é um “tabu” que vem sendo superado.

Por meio da pesquisa de Hoebel e Medeiros (2020), inferimos que é possível uma tradução e interpretação musical realizada por profissionais surdos, respeitando a estética das canções e a cultura surda no que se refere à utilização de recursos linguísticos das línguas de sinais. Para a tradução poética dos elementos sonoros, os tradutores usaram “repetição de sinais; rimas; morfismos; pausas e suspensões; tamanho, ênfase e duração do movimento; sonoridade visual e simetria” (MEDEIROS; HOEBEL, 2020, p. 198) para assegurar um resultado visual e harmônico na sinalização.

As características citadas para a transposição poética da Libras sobre as músicas são recursos bastante registrados em performances de poesia nas línguas de sinais. Rimass e metáforas são comuns nas poesias de línguas orais também; na Libras, e outras LS, expressões faciais e não manuais, padrões de repetições de sinais lexicais, podem dar destaque a algum sentimento ou significado.

Hoebel e Medeiros (2020) concordam com Sacramento (2020) sobre a importância de estudos prévios para que, de fato, a tradução teatral compreenda elementos da cultura surda. Os autores inferem que:

O trabalho conjunto requer tempo para que possamos discutir as diferenças culturais e fazermos as escolhas tradutórias mais satisfatórias para o público espectador. A tradução realizada entre uma tradutora surda e um tradutor não surdo, além de explorar a potencialidade da narrativa visual, cria estratégias metodológicas de codificação para marcações cênicas que auxiliam nossa atuação. Esse projeto tradutório do espetáculo musical possibilitou a inserção de códigos apresentados esteticamente na narrativa. (MEDEIROS; HOEBEL, 2020, p. 206-207).

Os procedimentos de preparação, portanto, permitem que todas as potencialidades e possibilidades da tradução artística sejam pensadas e metodicamente selecionadas, para que as melhores estratégias de uma interpretação cênica sejam transpostas no palco. Quanto maior o tempo de estudo sobre o roteiro teatral e a encenação, maior a possibilidade da realização de um trabalho de qualidade ao surdo. Sobre as contribuições do trabalho em equipe entre surda e não surdo, os autores percebem inúmeros benefícios, pois

A parceria entre tradutores surdos e não surdos no trabalho com espetáculos teatrais no contexto artístico-cultural de atuação de TILS enriquece o processo de criação e possibilita um diálogo muito profícuo entre as culturas envolvidas na tradução. Essa parceria também viabiliza o protagonismo e a representatividade surda, legitimando o espaço tradutório também como um

espaço de atuação do profissional tradutor surdo (MEDEIROS; HOEBEL, 2020, p. 207).

Percebemos, a partir disso, que as pesquisas que exploram as experiências entre tradutores surdos e não surdos no teatro compreendem a tradução cultural como um mecanismo principal para um diálogo intercultural eficaz e uma interpretação teatral autêntica. Nesse contexto, a tradução transcende meramente a transferência de palavras de uma língua para outra, envolvendo uma imersão profunda nas nuances culturais e linguísticas das comunidades envolvidas. A colaboração destas equipes no teatro não se limita à decodificação de mensagens, mas sim à criação de pontes significativas entre diferentes mundos. A tradução cultural emerge como um elemento essencial nesse processo, pois permite que a riqueza das expressões, valores e significados intrínsecos a cada língua e cultura seja preservada e transmitida com autenticidade.

O tradutor surdo traz consigo a perspectiva única de alguém imerso na cultura e na experiência da comunidade surda. Este profissional, enquanto integrante da equipe, pode facilitar e agilizar o processo de resolução de problemas tradutórios. Os surdos, tendo a língua de sinais como L1, e principal meio de comunicação, compreendem um uso linguístico natural. Essa vivência enriquece a interpretação teatral, uma vez que os elementos culturais específicos da língua de sinais, bem como as nuances visuais e expressivas, são cuidadosamente transmitidos para a língua falada. A tradução cultural, portanto, vai além das palavras, abarcando uso de classificadores, expressões faciais, entonação e contextos que agregam profundidade e autenticidade à interpretação teatral. Essa abordagem colaborativa também desafia as limitações tradicionais da tradução, uma vez que a verdadeira fidelidade à mensagem implica não apenas na reprodução literal das palavras, mas na recriação do impacto emocional e cultural da peça.

#### 4.3.1 O consultor de Libras surdo: perfil e atuação

Diferentemente do perfil do TILSP surdo, que é o profissional especializado em tradução ou interpretação de língua de sinais e atua ativamente nesta área e em projetos

de tradução, o consultor surdo não necessariamente tem apenas uma formação específica ou tem a consultoria e tradução como principal área de trabalho. O perfil destes indivíduos que têm atividade nesta classe são diversos, e dessa forma, é importante verificarmos estas possibilidades trazidas pela literatura selecionada para este trabalho. As publicações de Mielke (2014), Russo e Neta (2019), Rosa e Peres (2020) e Neta (2021) mostram diferentes perspectivas sobre este perfil e como ocorre a participação da consultoria de Libras surda.

A publicação mais antiga encontrada, de 2014, é um relato de experiências de Kaitlin Mielke, consultora surda de língua de sinais americana (ASL)<sup>15</sup> em espetáculos teatrais. A autora discute a importância da devida preparação dos intérpretes para a atividade cênica e justifica sua entrada nesta área trabalho pelo fato de perceber, enquanto surda, que alguns intérpretes pareciam não se preparar previamente para atuarem nestes contextos. Nas palavras dela:

Eu não queria a experiência de intérpretes inadequadamente preparados e/ou inexperientes arruinando minhas músicas favoritas. Por outro lado, eu participei de apresentações de um musical pelo qual não tenho uma afinidade excessiva, mas, sabendo quem eram os intérpretes e tendo-os visto em ação em outros musicais, eu sabia que poderia confiar neles para realizar um excelente trabalho na performance. (MIELKE, 2014, p. 59, tradução minha).

A consultora afirma que uma interpretação de qualidade impacta o público surdo e com deficiência auditiva que participa de sessões acessíveis (MIELKE, 2014, p. 61). Isso nos faz refletir, ainda mais, que a experiência do espectador surdo pode ser gravemente comprometida caso o TILS não esteja devidamente capacitado para atuar nestas demandas. Independente do país e da língua de sinais envolvida na tradução, neste caso, ASL, a prática interpretativa só terá êxito e atingirá seu principal objetivo, isto é, passar a mensagem ao público surdo com excelência, se passar antes por processos metodológicos preparatórios.

Sobre o perfil e atuação, Mielke, apesar de não ser tradutora ou educadora de ASL, insere-se na área como atriz de peças teatrais, espectadora de espetáculos e consultora de sua primeira língua. Ela descreve que seu trabalho perpassa a análise minuciosa de traduções de roteiros, apoio em letras de música, e conexões com a audiência pública no que se refere a recebimento de feedbacks sobre os intérpretes. Ela percebe a necessidade

---

<sup>15</sup> American Sign Language.

do surdo, ainda que não integrante ativo de uma equipe de interpretação, ser consultado para que os intérpretes consigam aperfeiçoar os seus serviços (MIELKE, 2014, p. 5). Ela justifica esta necessidade, pois

Enquanto os intérpretes estão lá para fornecer um serviço atuando como intermediários de comunicação entre a ação no palco e a audiência surda e com deficiência auditiva, eles não podem ver sua própria performance. O que faz sentido para eles, pode não ter a mesma conexão com a audiência Surda presente, uma vez que são eles que recebem os sinais dos intérpretes e criam sua própria interpretação do espetáculo. (MIELKE, 2014, p. 5, tradução minha).

Em outras palavras, os intérpretes ouvintes podem acreditar que sua interpretação no palco tem sentido, dentro de sua perspectiva enquanto não surdos. Porém a comunidade surda, enquanto espectadora, visualiza de fora a interpretação enquanto ela ocorre e pode não se conectar com as escolhas tradutórias realizadas pelos profissionais. Em vista disso, concordamos com a necessidade de procurar pelo feedback e consultoria desta audiência, e mais ainda, de ter um profissional surdo como componente da equipe desde o começo do projeto. Isso se justifica ainda mais tendo em vista o sujeito surdo pela ótica de que suas “formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes.” (QUADROS, 2004, p. 10).

Russo e Neta (2019), no primeiro volume da coletânea *Textos e Contextos Artísticos e Literários: Tradução e Interpretação em Libras*, discorrem sobre suas experiências sobre a etapa de tradução de duas montagens teatrais, encenadas por atores surdos. O estudo relata as vivências das TILSP em contato com os artistas do grupo de teatro surdo SignAtores e descreve os procedimentos adotados na fase anterior à interpretação da peça. As autoras refletem sobre a importância do consultor surdo, Augusto Schallenberger, professor de Libras, durante os procedimentos tradutórios e sua contribuição a fim de assegurar uma tradução que contemple a mediação entre as culturas envolvidas no processo. Elas relatam que:

Na medida em que os impasses iam surgindo ao longo do estudo do texto e da elaboração das glosas, as tradutoras recorriam à colaboração do consultor surdo de Libras. Essa colaboração foi imprescindível, pois nesses momentos era possível discutir e negociar as diferentes possibilidades de tradução até chegarmos a uma tradução que contemplasse o sentido do texto. (RUSSO, NETA, 2019, p. 129).

A partir disso, elas justificam a imprescindibilidade da orientação deste indivíduo na etapa de discussões de decisões tradutórias, ou seja, fase de tradução de roteiro e preparação, pois “esses momentos de consulta, debate e negociações asseguravam uma tradução sob uma perspectiva cultural” (RUSSO, NETA, 2019, p. 130). A perspectiva das autoras colabora com o entendimento do presente estudo sobre o consultor surdo fazer-se presente no processo tradutório de preferência durante todo o processo de tradução. Ainda que o texto teatral seja comumente fixo, visto que os roteiros comuns têm a característica de não sofrerem alterações durante a apresentação, este pode ser modificado no período pré-evento. Deste modo, inúmeros problemas de tradução podem surgir e podem ser resolvidos simultaneamente, em conjunto com o profissional surdo, caso este esteja ativamente na equipe. Ao descreverem a atuação do consultor Augusto, elas exemplificam seu apoio ao comentar sobre o uso do sinal de “pulga” na peça. Um sinal realizado de forma contida, como descrevem as autoras, e que talvez não fosse enxergado pelos espectadores da plateia:

[...] A participação do consultor surdo foi crucial para as soluções tradutórias escolhidas e para os encaminhamentos das propostas levantadas. Após várias sugestões de tradução, optou-se por manter a mesma glosa, mas com uma pausa cênica significativa antes da execução do sinal para pulga MATAR-INSETO. (RUSSO; NETA, 2019, p. 148).

A consultoria de Augusto, deste modo, auxiliou as autoras de forma linguística e cênica, visto que a pausa utilizada como estratégia foi justificada pela sua encenabilidade. Similarmente a este relato, Emiliana Rosa, espectadora surda e professora de Libras, e Bárbara Peres (2020), TILSP ouvinte, no terceiro volume da coletânea *Textos e Contextos Artísticos e Literários: Tradução e Interpretação em Libras*, detalham suas vivências durante o projeto tradutório de O Teatro Mágico, grupo musical que mistura linguagem teatral, música, arte circense e cultura popular.

O espetáculo é descrito como composto por diversas canções. Emiliana, espectadora surda, fez o convite à Bárbara para que a TILSP, em um projeto conjunto, mediasse o espetáculo. A consultora surda descreve seu gosto pela música e pela banda, e que há diversas formas da comunidade surda desfrutar a linguagem sonora. Ela cita o uso de tecnologias para amplificar os sons e a vibração das músicas para desfrutar os shows que assiste. Desse modo, com o uso do aplicativo para sentir as vibrações, e com



a interpretação da TILSP ouvinte, após estudos com consultoria sobre as letras das músicas, a passagem de sentidos presentes nas canções teve diversas possibilidades (ROSA; PERES, 2020).

A partir destas relações, elas perpassam o debate de música *para* surdos, e mostram a perspectiva de uma surda sobre a interpretação musical, ou seja, debatem música *com* surdos e *de* surdos (ROSA; PERES, 2020, p. 228).

A consultoria pode ser fundamental para se pensar em tradução de música para língua de sinais. Como Mielke (2014) afirma, o que pode fazer sentido para um intérprete ouvinte em sua produção, pode não ter o mesmo efeito sobre o espectador surdo. Portanto, percebo que discutir essas produções com profissionais surdos que têm certa familiaridade com a linguagem musical instiga o TILSP não surdo a não apoiar-se em uma tradução literal, com o uso apenas de sinais lexicais, utilizando danças e movimentações rítmicas, sem se preocupar com o sentido do discurso. A tradução de canções é uma tarefa complexa até mesmo quando são duas línguas orais envolvidas. Certas referências culturais, trocadilhos e metáforas podem não ser compreensíveis em outra cultura, sendo necessário encontrar substitutos que façam sentido na nova língua.

Sobre a importância da preparação, as autoras percebem que um dos desconfortos da comunidade surda sobre a tradução de música, presente em espetáculos teatrais, tem ligação com o fato de que

[...] há trabalhos satisfatórios realizados por profissionais, tanto por TILS ouvintes, como por TILS surdos. Por outro lado, vemos ainda trabalhos realizados por pessoas não capacitadas e não fluentes em Libras. (ROSA; PERES, 2020, p. 229).

A não fluência em Libras, de fato, faz com que qualquer trabalho profissional não obtenha êxito. Sobre a capacitação, até mesmo profissionais com total domínio da língua podem entregar um trabalho distante do que o público surdo espera, caso não esteja capacitado ou preparado. Com base em suas experiências, Rosa e Peres (2020), sobre o trabalho conjunto entre espectadora surda e TILSP ouvinte, concordam com os outros autores citados colocam e relatam que

[...] entendemos ainda a importância de contar com a presença de consultores, profissionais de apoio e tradutores surdos na construção e no planejamento da tradução musical, de modo a desenvolver o trabalho de forma ética, somando

as experiências e diferenças linguísticas e culturais dos envolvidos e buscando manter uma autoavaliação frequente sobre as competências linguísticas, tradutórias e referências adequadas ao contexto artístico-cultural. (ROSA; PERES, 2020, p.233).

Dentre todas as publicações analisadas, Celina Neta (2021) realiza um estudo ainda mais aprofundado sobre o consultor surdo ao realizar entrevistas com TILSP que experienciaram este trabalho em equipe. A autora ressalta a importância do tradutor surdo não apenas como uma consulta ou sujeito que passa feedbacks, mas como um integrante da equipe de tradução (NETA, 2021, p. 105). A autora destaca

[...] Embora a participação dos tradutores surdos tenha sido mencionada como “consulta” ou “feedback”, reafirma-se a importância da participação deste profissional de forma efetiva em todo processo de construção dramaturgica do corpo tradutório com vistas a garantir uma tradução efetivamente corporificada e que proporcione o conforto linguístico esperado pelo público surdo no teatro. (NETA, 2021, p. 105).

A pesquisadora tem como base entrevistas de colegas ouvintes, que citam momentos em que não sabiam como traduzir piadas do português e cenas difíceis, e as “dicas” de tradutores surdos forneceram valiosas estratégias de equivalência. Nestas entrevistas, a consultoria é colocada como algo informal. Apesar dos entrevistados reconhecerem a importância da validação do tradutor surdo em traduções de peças, visto que este compartilha da mesma cultura visual do espectador surdo (NETA, 2021, p. 103), são perceptíveis algumas problemáticas nestas falas.

Como já discorrido anteriormente, concordo no que Neta se refere ao tradutor surdo participar de todo o processo de tradução, visto que isto enriquece não só a preparação para a peça, mas o produto final exibido na interpretação. No que se refere à informalidade da consultoria, acredito que este é um tópico complexo. Sobre este ponto, surge a pergunta: até que ponto a consultoria destes tradutores surdos é uma prática informal? Pois se este participa de momentos cruciais do projeto, este trabalho poderia ter sua autoria e, conjuntamente, ser monetizado.

Dentro destas análises, não há uma exatidão sobre como é acordado o trabalho desses consultores no que se refere a pagamentos e o número de contribuições. Sabemos que dentro do ofício de tradutor e intérprete é comum ocorrerem trabalhos voluntários e

informais para amigos e família. O presente estudo não pretende aprofundar, também, sobre questões trabalhistas em um geral, porém acreditamos que é importante refletir sobre a desvalorização do trabalho destes consultores. Esperamos que mais investigações futuras viabilizem este tópico.

A partir destas análises, verificamos que de fato o consultor de Libras surdo tem diversos perfis. As publicações nos trazem artistas de teatro, professores de Libras, pesquisadores e tradutores atuando nesta área. Este, portanto, não necessariamente possui uma formação específica no campo linguístico. Todavia, o consultor surdo, como nativo da língua de sinais e com profundo conhecimento da cultura surda, desempenha um papel crucial na orientação e no enriquecimento da interpretação e da performance, assegurando que elas atendam às necessidades e expectativas da comunidade surda. Este profissional desempenha um papel fundamental na fase de ensaios e preparação. Sua presença permite que os intérpretes recebam feedback em tempo real, possibilitando ajustes e aprimoramentos na interpretação antes da apresentação final.

Diferentemente do TILSP surdo, que participa de todo o projeto de tradução até o momento em que a encenação ocorre, o consultor surdo é descrito como o agente que participa em situações pontuais em que são encontrados problemas de tradução. Ou seja, não necessariamente ele está integrado à equipe que auxilia. Apesar desta pontualidade e “informalidade” ocorrer, como descreve um dos entrevistados de Neta (2021) entendemos a importância do profissional surdo participar de todo o processo de tradução.

Compreendemos a partir desses relatos de experiência e análise que, assim como o tradutor e intérprete surdo, sua participação não apenas melhora e valida as interpretações linguísticas, mas também fortalece a conexão entre as culturas surda e ouvinte, contribuindo para uma representação mais precisa, respeitosa e inclusiva da língua e da comunidade surda.

A especificidade de traduzir para o contexto teatral apresenta desafios únicos e demanda uma abordagem sensível e especializada. A tradução teatral vai além da mera transposição de palavras entre línguas; ela busca transmitir nuances emocionais, culturais e estéticas, preservando a essência da performance original. Neste contexto, TILSP e consultores surdos trazem contribuições valiosas para resolver problemas de tradução que profissionais ouvintes poderiam não pensar de forma tão precisa.

## CONCLUSÃO

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo investigar a dinâmica da colaboração entre profissionais tradutores e intérpretes surdos e não surdos durante a fase de preparação de trabalhos no contexto teatral, bem como examinar como os profissionais surdos, enriquecidos por seu repertório cultural e com a língua de sinais como primeira língua, influenciam o processo de tradução na etapa preparatória. A metodologia de pesquisa bibliográfica empregada neste estudo permitiu uma abordagem abrangente, proporcionando a coleta de relatos enriquecedores sobre experiências em equipes multilíngues.

A colaboração entre intérpretes e tradutores surdos e não surdos no teatro se revelou como um componente essencial para a produção de interpretações significativas e autênticas. A combinação de perspectivas linguísticas e culturais diversificadas resulta em uma abordagem mais profunda e abrangente da interpretação teatral, que não se limita apenas à transposição de palavras, mas se estende à captura da essência emocional e cultural de uma peça. A partir da análise de experiências, é perceptível que o profundo entendimento das características culturais da comunidade surda desses, contribuiu significativamente para a elaboração de traduções mais ricas e envolventes. A língua de sinais, como primeira língua para os profissionais surdos, não apenas oferece um meio de comunicação eficaz, mas também enriquece a interpretação teatral com elementos únicos e impactantes.

Deste modo, com base na pesquisa bibliográfica, como resultado obtivemos a oportunidade de identificar e categorizar os procedimentos padrões específicos realizados para atender às demandas neste contexto. Através desse mapeamento detalhado e sua subsequente descrição, esperamos que este recurso venha a ser de utilidade para estudantes e profissionais em futuras pesquisas voltadas para a identificação destas estratégias, além de fornecer orientações sobre possíveis abordagens de estudo prévio para trabalhos em peças teatrais.

A análise realizada para a criação da tabela nos permitiu compreender que, a fim de garantir uma atuação verdadeiramente eficaz, os recursos metodológicos e preparativos realizados abrangem uma série de etapas. Estas incluem a análise minuciosa do roteiro e outros materiais relacionados, participação nos ensaios do elenco, em ensaios

de tradução, tradução de roteiro e organização de aspectos cênicos. Compreendemos, entretanto, que nem sempre é possível que uma preparação tão ampla seja realizada. Não são raros os casos em que contratantes não entendem a relevância do envio prévio de materiais de estudo ao profissional contratado sobre a qualidade técnica do trabalho; assim como, não entendem a necessidade de dois indivíduos em peças com grande duração. É crucial que a comunidade acadêmica e os profissionais de tradução mantenham uma constante discussão sobre o trabalho em equipe e a preparação; este diálogo pode influenciar em um futuro no qual as políticas linguísticas sejam mais abrangentes e efetivas, no que se refere ao incentivo à capacitação e formação continuada aos TILSP, atendendo às demandas e aos direitos das pessoas surdas de maneira mais eficaz.

O teatro é uma forma de arte que abrange elementos linguísticos, visuais e corporais, todos essenciais para a compreensão da mensagem global. A interpretação da peça teatral não é apenas uma questão de transmitir diálogos, mas também de comunicar as emoções dos personagens, essência da atuação dos atores e as intenções subjacentes das cenas; deve-se, ademais, considerar as particularidades da cultura surda. A língua de sinais possui suas próprias expressões idiomáticas, padrões de comunicação e marcas culturais que devem ser cuidadosamente incorporadas para garantir que a tradução tenha sentido ao surdo.

Aspectos linguísticos da Libras, como uso de classificadores, elementos não manuais, composições corpóreas, aplicados à linguagem teatral e suas características, e até mesmo à musical (tendo em vista o uso de canções em roteiros), tornam o trabalho mais visual, poético e performático. A utilização destes recursos torna possível uma tradução cultural e estética destas linguagens e faz com que o público surdo aprecie e compreenda a performance para além do texto e uso de sinais lexicais.

A partir desta pesquisa, outras possibilidades para investigações futuras ligadas à temática estudada surgiram. Dentre as principais, temos a autoria do consultor surdo em um projeto de tradução, e até que ponto este profissional é apenas um consultor “informal”, e não um participante tradutor ativo deste procedimento. Também percebemos a necessidade desta dinâmica de trabalho em equipe no campo dramaturgico ser mais explorado, tendo em vista o número pequeno de publicações encontradas. O

trabalho do tradutor surdo é reconhecido por lei, e pesquisas sobre sua atuação trazem mais visibilidade e valorização sobre sua formação e prática.

É crucial reconhecermos que o tradutor surdo e o consultor surdo não devem ser meramente vistos como instrumentos de auxílio e suporte no processo de interpretação e tradução. Estes precisam ocupar, ainda mais, um papel central e ativo, no mesmo patamar que os profissionais ouvintes, quando se trata de interpretação e tradução. Ainda que este estudo realize um recorte acerca dos procedimentos preparatórios realizados pelos TILSP para trabalhos em espetáculos teatrais, acreditamos que os profissionais surdos são necessários durante todas as etapas tradutórias destes projetos. Essa abordagem reforça a importância da valorização, do respeito e da igualdade de oportunidades para os profissionais surdos do campo. Falarmos sobre capacitação e preparação do TILSP, é discutir também sobre a devida acessibilidade comunicacional aos surdos nos contextos em que estes transitam. É importante que a categoria de profissionais não se atenha a conhecimentos básicos e formação e que continuem pesquisando e estudando para garantir um trabalho de excelência ao público surdo.

Este trabalho contribui para os Estudos de Tradução e Interpretação de Libras, no contexto artístico-cultural, e para uma compreensão mais aprofundada do papel vital desempenhado por essas equipes entre surdos e não surdos, abrindo caminho para futuras investigações e práticas que fortaleçam ainda mais a interseção entre língua de sinais, tradução cultural, estética e teatro.

## REFERÊNCIAS

ALVES, T. M. **TRADUÇÃO PARA LIBRAS: PARTICIPAÇÃO DE SURDOS E OUVINTES EM EQUIPES MISTAS DE TRADUÇÃO.** Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Letras Libras. Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019.

ARAÚJO, D. V. **A preparação do intérprete para conferências.** Monografia. Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio. Especialização em Intérprete de Conferências da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2019.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília-DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 1 de mar. de 2023.

\_\_\_\_\_. Secretaria Especial da Cultura. Lei Federal de Incentivo à Cultura. Promulgada em 23 de dezembro de 2023. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18313cons.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18313cons.htm)>. Acesso em: 3 de mar. de 2023.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Lei de Acessibilidade. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 2000. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/110098.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm)>. Acesso em: 3 de mar. de 2023.

\_\_\_\_\_. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 3 de mar. de 2023.

\_\_\_\_\_. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 26 maio de 2023.

\_\_\_\_\_. Lei 12.319, de 1º de setembro de 2010. **Regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.** Diário Oficial da União, setembro, 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm). Acesso: 20 de abril de 2023.

\_\_\_\_\_. Lei Federal no 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)>. Acesso em: 4 de jul. de 2023.

CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. **Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro.** Artigo. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, Editora UFPR.

CARVALHO, L. B. **Revisão bibliográfica sobre estratégias de preparação do intérprete para a interpretação de conferências. Tópicos e contextos em interpretação** – volume 1, 2016. Interpret2B Publicações, Londrina/PR. ISSN: 2525-2739. Disponível em: <<https://www.interpret2b.com/publicacoes>>. Acesso em: 20 de abr. de 2023.

FOMIN, C. F. R. **O tradutor intérprete de libras no teatro: a construção de sentidos a partir de enunciados cênicos**. 2018. 250 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

GUIMARÃES, M. H. **A tradução para teatro**. Instituto Politécnico do Porto. Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Portugal, 2004. Disponível em: <<https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/1742>>. Acesso em 26 de mar. de 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GUBERNIKOFF, C. **Arte e Cultura**. In: SEKEFF, Maria de Lourdes. *Arte e Cultura: Estudos Interdisciplinares*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

HESSEL, C; ROSA, Fabiano; KARNOPP, L. B. **Cinderela Surda**. 1. ed. Canoas: ULBRA, 2003. 36 p.

HESSEL, C; ROSA, F; KARNOPP, L. B. **Rapunzel Surda**. 1ª. ed. Canoas: ULBRA, 2003. 36 p.

HURTADO ALBIR, Amparo. **A Aquisição da Competência Tradutória: aspectos teóricos e didáticos**. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio (orgs.). *Competência em Tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MEDEIROS, J; HOEBEL, R. **Experiência de tradução conjunta entre tradutores surdo e não surdo no espetáculo musical Cirandas Brasileiras**. In: RIGO, Natália Schleder (org.). *Textos e contextos artísticos e literários: tradução e interpretação em Libras*: v. 3. Petrópolis: Arara Azul, 2020. p. 184-209. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/ebook/detalhes/21>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

MIELKE, Kaitlyn. **The Song That Goes Like This: The Art of Theatrical Sign Language Interpreting and Translating**. 2014. Project (Master of Liberal Studies) – Faculty of the Graduate School, University of Minnesota, Minnesota, 2014.

MOURÃO, C. H. N. **LITERATURA SURDA: Experiências de mãos literárias**. 2016. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2016.

NETA, C. **O Corpo Tradutório: Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais (Libras) no Teatro**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/231033>>. Acesso em: 1 de jul. de 2023.

NETA, C; RUSSO, A. **Alice em dois atos: PROCESSOS DE TRADUÇÃO EM LIBRAS NO TEATRO**. In: RIGO, Natalia Schleder (Org.). *Textos e contextos artísticos e literários: tradução e interpretação em Libras*. 1. ed. Petrópolis: Arara Azul, 2019. v. 1, p. 126-159.



NOGUEIRA, T. **Intérpretes de Libras-Português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine.** 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução)– Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

NORD, C. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática.** Christiane Nord; coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser — São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016. (Coleção Transtextos; v. 1).

OLIVEIRA, M. S. **Interpretação teatral para Libras: desafios no teatro playback.** In: RIGO, N. S. (org.). Textos e Contextos Artísticos e Literários: tradução e interpretação em Libras. Volume I. Petrópolis: Arara Azul, 2019.

PACTE (Process in the Acquisition of Translation Competence and Evaluation). **Building a Translation Competence Model.** In: ALVES, F. (ed.). Triangulating Translation: perspectives in process oriented research. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

PERLIN, G. **A Cultura Surda E Os intérpretes De língua De Sinais (ILS).** ETD - Educação Temática Digital 7, no. 2 (novembro 13, 2008): 136–147. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/798>>. Acesso em: 20 de jul. 2023.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. **Surdos: o narrar e a política.** Ponto de Vista, Florianópolis, n. 5, p. 217-218, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282>>. Acesso em 4 de jul. de 2023.

PINHO, A. R.; FERREIRA, J. G. D. **Projeto Crisálida: o protagonismo da Língua Brasileira de Sinais na dramaturgia.** In: RIGO, N. S. (Org.). Textos e contextos artísticos e literários: tradução e interpretação em Libras – Volume III. Petrópolis-RJ: Arara Azul, 2020.

QUADROS, R. N. SUTTON-SPENCE, R. **Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda.** In: QUADROS, Ronice Muller de. Estudos Surdos I. Petrópolis: Arara Azul, 2006. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/ParteA.pdf>>. Acesso em: 1 de jul. de 2023.

RESENDE, L. S. **Tradução teatral: produzindo em Libras no teatro surdo.** 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019

RIGO, N. S. **Tradução de canções de LP para LSB: identificando e comparando recursos tradutórios empregados por sinalizantes surdos e ouvintes.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122839?show=full>. Acesso em: 5 de nov. de 2022.

RIGO, N. S. **Tradução-interpretação teatral: desafios e soluções em “O Som das Cores”**. In: Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, 4., 2014, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis: UFSC, 2014. Acesso em: 5 de maio de 2023.

RIGO, N. S. **Reflexões sobre o contexto artístico-cultural de atuação do tradutor-intérprete de língua de sinais**. Guará, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 31-41, jan./jun. 2018.

RODRIGUES, C. VALENTE, F. **Intérprete de Libras**. Cristiane Seimetz Rodrigues; Flávia Valente. Curitiba: IESDE Brasil S.A. 2011. 232 p.

ROSA, E. F.; PERES, B. R. **Para além do acústico: O Teatro Mágico sinalizado**. In: RIGO, N. S. (Org.). Textos e contextos artísticos e literários: tradução e interpretação em Libras – Volume III. Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul, 2020.

SACRAMENTO, L. R. **Tradução teatral: produzindo em libras no teatro surdo** / Dissertação (mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução do Instituto de Letras). Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Brasília, 2019.

SILVA-NETO, V. S. da. **A formação de tradutores de teatro para Libras: questões e propostas**. 2017. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SILVEIRA, I. C. **TEATRO PARA QUEM?! A ARTE DE TEATRAR PARA TODOS: Um estudo sobre acessibilidade cultural em espetáculos teatrais no RS**. Revista da Fundarte, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 142-162, jul/dez. 2016. Disponível em: <<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC ; SEESP, 2004. 94 p. : il Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>>. Acesso em: 4 de jul. de 2023.